Jornal UFG

Impresso Especial
9912229887-DR/GO
UFG
CORREIOS

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – ANO IV – Nº 33 – NOVEMBRO/DEZEMBRO 2009

49 Anos

Todos fazemos parte dessa realidade

Ao completar 49 anos, em 14 de dezembro, a UFG comemora mais alguns avanços históricos e, sobretudo, a reafirmação da importância do trabalho em equipe. Não se faz uma universidade com um grupo restrito de pessoas, todos os envolvidos no seu cotidiano são responsáveis por seus méritos e desafios. A programação comemorativa já teve início e deve estender-se até o final do ano. Entre as novidades está o lançamento do programa do cinqüentenário da UFG. Destacam-se ainda o início do programa de coleta seletiva do lixo e inaugurações diversas: TV UFG, Restaurante Universitário, Casa do Estudante, Posto de Saúde do Hospital das Clínicas, Rede Universitária de Telemedicina, além de outras obras e reformas nos câmpus de Goiânia, Catalão e Jataí. Haverá o lançamento de duas edições da revista *UFG Afirmativa* (série histórica e apresentação da atual gestão), de livros pela Editora, do manual de uso da marca UFG; colação de grau e festa da família no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação e entrega do prêmio Menção Honrosa aos servidores, docentes e técnico-adminstrativos, e alunos que destacaram-se em 2009. Mais detalhes no portal UFG (www.ufg.br).

EDITORIAL

BENEDITO FERREIRA MARQUES*

A experiência de ser vice-reitor

Ao assumir o honroso cargo de vice-reitor da Universidade Federal de Goiás, nesta primeira gestão de Edward Madureira Brasil, vivenciei um conflito entre o estabelecido e o pretendido. Pertencendo à área do Direito, não me conformava com a simplória previsão estatutária de que o vice-reitor tinha como suas atribuições, definidas nos atos de delegação baixados pelo reitor (art. 29, Est.) e no Regimento Geral (art. 61), tão-somente coordenar e superintender as atividades da Vice-Reitoria, substituir o reitor, em caso de falta ou impedimento, representá-lo quando designado e desempenhar as demais funções inerentes ao cargo. Mas o mesmo Regimento Geral silenciava totalmente sobre essas "demais funções inerentes ao cargo". Restava ao vice-reitor substituir o reitor e representá-lo quando designado.

Para mim, isso era pouco, porque não compreendia como teria de aderir ao regime de dedicação exclusiva para não fazer quase nada. Aí começava o conflito, porque aceitei integrar a chapa vitoriosa do professor Edward Madureira Brasil, com o propósito de encerrar a minha carreira docente fazendo algo mais e, se possível, deixar a minha marca, já que eu tivera reduzido em um ano o mandato de diretor da Faculdade de Direito, sem poder concluir o meu projeto estabelecido para aquela mais que centenária casa, embrião da universidade.

Felizmente, a confiança que o reitor depositava em mim – e creio que ainda continuará nutrindo, mesmo fora do cargo, a partir do dia 6 de janeiro de 2010 – tornou-a eficaz com a utilização do instituto jurídico abrigado no Direito Administrativo, chamado *delegação*. Delegou-me 13 das 18 atribuições que o Regimento Geral lhe outorga. Aí, então, vi sentido nessa convocação no ocaso de minha carreira acadêmica.

Entreguei-me com o afinco que a missão me exigia. Vieram as reformulações de normativos, a elaboração de regimentos internos do Conselho Universitário (Consuni) e do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), em que os meus conhecimentos sobre técnica legislativa foram testados. Vieram os processos de convênios mais complexos, a solução de conflitos emergentes nas relações entre servidores docentes e técnico-administrativos com alunos e terceiros; a regularização documental da titularidade das terras doadas pela empresa Furnas, em Caldas Novas; as contribuições desinteressadas nas questões que, de há muito, incomodavam a nossa Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape); as respostas jurídicas aos órgãos de controle (Tribunal de Contas e Advocacia-Geral da União e Ministério Público); os assuntos de maior indagação em matéria legal nos conselhos universitários; os desdobramentos de concursos públicos para professores, enfim, até a presidência de cerimônias de colação de grau, na última das quais a fragilidade cardíaca denunciou que era preciso moderar as ações e controlar os impulsos do querer fazer mais e mais. Tudo, porém, que esteve ao meu alcance, fiz com o propósito de ser útil, sem ser necessário. A experiência que trouxe, enriqueceu-se com a chegada.

Agora, ao deixar o cargo por implemento da idade constitucional ainda não modificada para o afastamento compulsório, compreendo que a *vice* não é apenas uma instituição republicana que faz do seu ocupante um colaborador quase sempre anônimo, porque suas tarefas não aparecem e porque a discrição e o recato fazem parte das características do cargo. No meu caso, levo a sensação de que busquei honrar e dignificar o cargo e, mesmo sem a pretensão de quebrar o lugar-comum, não consegui evitar que algumas evidências do meu desempenho fossem destacadas pelos componentes da laboriosa equipe a que pertenci, nesses últimos quatro anos, propiciadas pela delegação de competências do Magnífico Reitor.

Saio de cena, mas estou seguro de que o meu sucessor, também ligado à minha área de conhecimento, suprirá, a contento, a minha retirada compelida, e que saberá manter a cordialidade nas relações amáveis com os três segmentos que compõem a comunidade universitária da nossa querida e jamais esquecida UFG.

***Benedito Ferreira Marques**
Vice-reitor da UFG

CÂMPUS EM FOCO

Conselhos superiores aprovam recondução do reitor

Na manhã do dia 9 de outubro, o colégio eleitoral reuniu os plenários dos conselhos superiores da UFG (Consuni, Cepec e Curadores) para a votação e proclamação da lista tríplice com os nomes dos candidatos a reitor e vice-reitor, mandato 2010-2013, encaminhada ao Ministério da Educação (MEC). Presidida pelo professor Paulo Ximenes, da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos, a mesa de trabalhos foi composta por representantes dos servidores docentes e técnico-administrativos, dos estudantes e dos câmpus do interior. Dos 96 membros dos conselhos, 60 compareceram à votação. Após a apuração o atual reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, candidato à reeleição, recebeu 60 votos. Eriberto Marin, candidato ao cargo de vice-reitor, recebeu 57 votos. O MEC tem até o final do ano para homologar os nomes dos escolhidos, que serão empossados no dia 6 de janeiro de 2010. Em discurso emocionado, Edward Madureira Brasil agradeceu aos membros dos conselhos e à comunidade acadêmica o apoio recebido.

Vinicius Batista

Pioneiros da criação do Câmpus Catalão são homenageadas

O ex-prefeito de Catalão, Haley Margon Vaz, e o professor aposentado da UFG, Braz José Coelho, foram homenageados em reconhecimento ao desempenho na criação e consolidação do Câmpus Catalão (CAC). A cerimônia de entrega dos títulos de Mérito Universitário ao ex-prefeito e de Professor Emérito para Braz José Coelho foi realizada no auditório do CAC, no dia 8 de outubro, com a presença do reitor Edward Madureira Brasil, do diretor do CAC Manoel Rodrigues Chaves e do prefeito de Catalão, Velomar Rios, entre outras autoridades da UFG e do município. Foi no mandato de Haley Margon Vaz, no início da década de 1980, que se firmou o primeiro convênio entre o município e a UFG. Sobre Braz José Coelho, a professora Maria Natividade Rosa Barbosa, vice-diretora do CAC, afirmou que sua paixão e comprometimento construíram uma história de profunda dedicação e contribuição à UFG, em Goiânia e em Catalão. A solenidade encerrou-se com o lançamento do livro *A história do Câmpus Avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás*, de autoria da professora do CAC Maria José da Silva.

Reuben Lago

Liga de Hipertensão do HC organiza dia das crianças saudáveis

Não há nada que deixe as crianças mais felizes do que levá-las para passar um dia no clube, onde elas podem correr, jogar bola, pular corda e tomar banho de piscina. No início de outubro, o Clube da Liguinha do Hospital das Clínicas da UFG reuniu cerca de 30 crianças no Clube do SINTIfesGO para o "Dia do Lazer Saudável". Foram promovidas atividades físicas e de lazer para as crianças da Liguinha de Hipertensão com a participação de educadores físicos, psicólogos, enfermeiros, nutricionistas, musicoterapeutas e estudantes de Enfermagem, que realizaram dinâmicas e rodas de conversa com as crianças. A coordenadora do Clube da Liguinha, Marta Valéria Catalayud, destacou que "o aumento significativo do sobrepeso, da obesidade, da elevação da pressão arterial e do colesterol na infância são desencadeados pela alimentação inadequada da família e a falta de atividade física. Esses fatos justificam a necessidade de trabalharmos a prevenção nessa faixa etária e em todas as instâncias – família, escola e sociedade". O Clube da Liguinha tem 176 crianças cadastradas.

Vinicius Batista

Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação
Universidade Federal de Goiás
ANO IV – Nº 33 – NOVEMBRO/DEZEMBRO 2009

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Universidade – **Reitor:** Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Benedito Ferreira Marques; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jeblin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – **Coordenadora de imprensa e editora-geral:** Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora:** Silvânia de Cássia Lima; **Editora-assistente:** Michele Ferreira Martins; **Repórter:** Patrícia da Veiga; **Conselho Editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Monteiro Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Célia Sebastiana Silva; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida, Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão:** Maria José Soares; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Gomes Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia:** Carlos Siqueira; **Colaboradores:** Agnes Arato, Kharen Stecca e Thalizia de Souza. **Estagiários:** Angélica Queiroz, Beatriz Mendes, Caroline Pires, Luciana Santal, Marcela Guimarães, Túlio Moreira Rocha (jornalismo), Danilo Soares (ilustração) e Vinicius Batista (fotografia). **Secretária administrativa:** Sueli Alves de Sousa.

Impressão: Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG.

Primeiro do país, curso de Ecologia e Análise Ambiental teve início no segundo semestre de 2009

Vinicius Batista

Estudantes já têm aulas práticas desde o início do curso

UFG aposta no meio ambiente

Beatriz Mendes

No Brasil existem cinco universidades que oferecem graduação em Ecologia. No entanto, o curso da Universidade Federal de Goiás (UFG) tem o diferencial de incorporar à formação a análise ambiental. Criado no segundo semestre deste ano, o bacharelado em Ecologia e Análise Ambiental da UFG, que está vinculado ao Instituto de Ciências Biológicas (ICB), é o primeiro nessa modalidade no país. O novo curso tem como objetivo geral formar profissionais habilitados para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão em diversas áreas do conhecimento relacionadas ao meio ambiente. Os estudantes, além de uma formação específica em ecologia, também estarão capacitados para analisar as questões relativas ao meio ambiente com embasamento científico.

Para o coordenador do curso, Rafael Dias Loyola, a graduação proporcionará ao novo profissional uma formação sólida em ecologia, oferecendo-lhe condições de abordar os problemas ambientais de modo coerente e responsável. O novo curso ofereceu 40 vagas e a primeira turma ingressou na universidade no segundo semestre deste ano. "Levando em consideração que este foi o primeiro vestibular, a procura foi muito boa, 13,7 candidatos por vaga", avaliou Rafael Loyola. De acordo com o diretor do ICB, Reginaldo Nassar, o novo curso atende à demanda da sociedade por esse profissional, em face da necessidade de crescimento econômico com a garantia da qualidade de vida da população no que concerne também ao meio ambiente. Até o momento foram contratados quatro professores para o novo curso e, de acordo com Rafael Loyola, será realizado um concurso no próximo ano para a contratação de mais dois.

Formação – A ecologia é um campo de conhecimento da área das ciências biológicas que envolve domínios mais específicos. De acordo com Rafael Loyola, no curso de Ecologia e Análise Ambiental, a formação é ampla e completa, abrangendo disciplinas como Geologia e Geomorfologia, Geoprocessamento, Política e Legislação Ambiental. "O profissional formado neste curso é mais capacitado a lidar com questões ecológicas, seja no mercado de trabalho, seja no âmbito acadêmico", esclareceu o coordenador do curso.

De acordo com ele, esses profissionais poderão atuar em três grandes áreas: no meio acadêmico, complementando sua formação com cursos de mestrado e doutorado em ecologia e atuando como professor e pesquisador em uma instituição de ensino superior (IES). No mercado de trabalho, em empresas de consultoria e gestão ambiental, empresas com programas de responsabilidade ambiental, ONGs conservacionistas ou de caráter socioambiental e unidades de conservação, como parques nacionais, estaduais e reservas diversas.

Carlos Siqueira

Instituto de Ciências Biológicas no Câmpus Samambaia, onde o curso é ministrado

Em órgãos públicos, como o Ministério do Meio Ambiente, Ministério Público, agências ambientais, secretarias ambientais, institutos florestais ou centros de pesquisa, como a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (Embrapa), por exemplo. Para a estudante Carolina Dias da Silva, um dos pontos interessantes do curso são as aulas de laboratório, que ajudam os novos estudantes a compreender o alcance do curso.

Demanda de mercado – Em Goiás, assim como em outros estados, há a carência de profissionais com uma formação sistemática em ecologia, aptos a abordar os problemas ambientais em uma perspectiva integradora e propor soluções eficientes e bem fundamentadas. Em vista dessa necessidade, a UFG criou o curso de graduação em Ecologia e Análise Ambiental, com o objetivo de formar profissionais com conhecimento sólido sobre o meio ambiente e a capacidade de propor soluções adequadas.

De acordo com o coordenador do curso, há demanda por profissionais na área de ecologia e meio ambiente, tanto no meio acadêmico quanto no mercado de trabalho. "A própria UFG tem aberto editais para contratação desses profissionais, para atuarem como professores e pesquisadores na universidade", afirmou Rafael Loyola. De acordo com ele, empresas com grandes empreendimentos no estado necessitam contratar profissionais habilitados para participar da elaboração de estudos de impacto ambiental e produzir relatórios. Para a estudante do 1º período, Kelly Cristine Xavier dos Santos, as possibilidades para os estudantes dessa área são muitas e, com a formação adequada, pode-se atuar de modo efetivo na resolução dos problemas ambientais. "Principalmente no Cerrado, que é um bioma pouco conhecido e a pesquisa da fauna e da flora ainda tem muito que evoluir", destaca a estudante.

Embora bem-sucedido sob o ponto de vista macroeconômico, o modelo de exploração adotado no Cerrado tem acarretado sérios problemas de erosão de solo, degradação ambiental e perda da flora e fauna nativas. Para o professor Rafael Loyola, a carência de informações técnicas, aliada ao despreparo dos agricultores, à falta de orientação e de assistência dos órgãos governamentais, gera um modelo de ocupação do bioma que pouco se preocupa com a conservação dos recursos naturais. "Portanto, é ainda necessário um estudo mais aprofundado das interações estabelecidas entre a fauna e a flora existentes", afirmou o coordenador do curso.

Um convite ao conhecimento e à troca de experiências

Vinicius Batista

Mais de 6,6 mil inscritos acompanharam as palestras e as apresentações de trabalhos científicos no espaço do Centro de Cultura e Eventos da UFG

Com grande presença de público, o VI Conpeex abordou mudanças climáticas, pós-graduação e metas do país para a ciência e tecnologia

O VI Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (Conpeex) da UFG foi realizado de 27 a 30 de outubro e ofereceu extensa programação de palestras, seminários, debates, mostras culturais e eventos simultâneos, como jornadas científicas e semanas acadêmicas organizadas pelas unidades da UFG. O evento recebeu 6,6 mil inscrições e teve mais de 1,4 mil comunicações de trabalhos científicos. Diversos estandes foram montados no Centro de Cultura e Eventos, no Câmpus Samambaia. O maior congresso interno da UFG foi uma realização conjunta das pró-reitorias, com o patrocínio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape).

O professor Gilvan Sampaio, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), proferiu a palestra de abertura do evento, intitulada "Ciência e desenvolvimento regional: os desafios do Brasil frente às mudanças climáticas". O convidado expôs as consequências da interferência humana na atmosfera e explicou o efeito estufa. De acordo com Gilvan Sampaio, esse é um fenômeno que acontece naturalmente, mas ações humanas têm modificado a intensidade do processo, culminando no aumento da temperatura média do planeta. "O aquecimento global é um fato. Nosso desafio é entender quais serão os impactos no Brasil e no restante do mundo", sentenciou. Antes da palestra, um numeroso público foi contemplado com a execução de um duo de violões por alunos da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac) e o Hino Nacional, pelos professores Antônio Carlos (trompete) e Jarbas Cavendish (teclado).

Durante o evento os visitantes puderam informar-se sobre alguns programas e serviços de apoio à comunidade, como software livre, empresas iniciantes, bolsas, intercâmbio, entre outros. Uma exposição de fotos e objetos indígenas da cultura Terena, organizada pelo Museu Antropológico, também esteve aberta à contemplação do público.

Fotos: Vinicius Batista

Ana Lúcia Gabas (MCT), Emídio Cantidio de Oliveira Filho (Capes) e Gilvan Sampaio (Inpe) foram alguns dos palestrantes convidados

Carlos Siqueira

Foram mais de 1,4 mil comunicações de trabalhos científicos

Inclusão foi um dos temas em pauta

A mesa-redonda "Inclusão social, étnico-racial e digital", realizada no segundo dia do evento, com os professores Maria Terezinha Santos, da Universidade Vale do Rio Verde (Unicor/MG) e Ricardo Antônio Gonçalves (UFG), foi um dos destaques. Foram abordados diversos aspectos da inclusão: em uma perspectiva mais ampla, Maria Terezinha fez o público refletir sobre seu próprio conceito de inclusão e Ricardo Gonçalves demonstrou aos presentes as diversas tecnologias disponíveis atualmente para que pessoas com algum tipo de deficiência possam se comunicar com autonomia.

Outro destaque foi a série de palestras que o Centro de Recursos Computacionais (Cercomp) promoveu, abordando temas como tópicos avançados em BrOffice, dicas de segurança no uso de computadores *desktops* e o sistema operacional Linux Ubuntu. De acordo com o diretor do Cercomp, Hugo Alexandre Dantas Nascimento, o objetivo foi promover a capacitação da comunidade acadêmica para o uso das ferramentas-padrão na instituição e permitir a formação, na universidade, de uma cultura de utilização dos softwares livres.

Fotos: Vinicius Batista

Maria Terezinha Santos (Unicor/MG) e Ricardo Gonçalves (UFG)

Circo Lahetô encanta comunidade acadêmica durante o VI Conpeex

Mesmo com a chuva na noite de 28 de outubro, a comunidade acadêmica da UFG lotou a tenda armada no Câmpus Samambaia para a apresentação do Circo Lahetô. As arquibancadas não foram suficientes para acomodar todos os adultos e crianças, que se encantaram com as acrobacias no trapézio e na malha, os malabarismos com o fogo e as muitas palhaçadas do espetáculo "A história de Goiás no picadeiro", parte da programação cultural do VI Conpeex. De acordo com o pró-reitor de Extensão e Cultura da UFG, Anselmo Pessoa Neto, a universidade mantém uma parceria com o Circo Lahetô já há algum tempo. "Estabelecemos uma parceria e colaboramos com o circo, oferecendo material gráfico para a divulgação desse espetáculo no interior do estado. Em contrapartida foi garantida a presença do circo no Conpeex", informou o pró-reitor.

Reconhecimento – Com uma equipe composta por 35 pessoas entre artistas e técnicos, o espetáculo estreou em abril deste ano e já passou por 11 cidades goianas. Segundo a coordenadora pedagógica do circo, Seluta Rodrigues, foi necessário mais de um ano de estudos e preparação das técnicas circenses para elaborar um espetáculo sobre a história de Goiás. Toda essa preparação e dedicação rendeu ao Circo Lahetô o prêmio de Melhor Espetáculo da oitava edição do Festival Internacional de Artes Cênicas, o Goiânia em Cena 2009.

O Circo Lahetô é um projeto social e promove a inclusão de crianças e jovens de sete a 18 anos da rede pública de ensino. Conforme explicou Seluta Rodrigues, "o projeto Arte, Circo e Cidadania desenvolve atividades pedagógicas utilizando a linguagem artística e o estímulo ao trabalho em equipe como ferramentas para a formação humana".

Fotos: Vinicius Batista

A história de Goiás foi revivida no picadeiro por malabaristas, palhaços e graciosas trapezistas

Reuben Lago

Projeto de doação de sangue é um sucesso

O Instituto de Ciências Biológicas realizou, durante o VI Conpeex, o projeto de extensão Vidas por Vida, que visa incentivar as pessoas a doar sangue. O projeto, que tem parceria do Instituto Goiano de Oncologia e Hematologia (Ingoh), atendeu a 45 doadores só no primeiro dia e, ao final do evento, foram contabilizadas168 bolsas de sangue doadas. Para o coordenador do projeto, professor Augusto César Ribeiro Figueiredo, o número de doadores superou todas as expectativas. "Tivemos de buscar mais material de coleta, pois não imaginávamos que tantas pessoas se disporiam a doar", declarou. Augusto César afirmou ainda que recebeu quatro pedidos para que o Vidas por Vida monte um posto de coleta em outros eventos realizados na universidade.

Textos : ***Agnes Arato, Luciana Santal, Marcela Guimarães, Michele Martins e Túlio Moreira***

Fórum aborda políticas públicas para a cultura

Na tarde do terceiro dia do congresso foi realizado o primeiro fórum cultural com o tema "Economia da cultura: políticas públicas e modelos de financiamento". Houve uma mesa de discussão composta por profissionais e dirigentes dos setores de cultura e empresarial, sob a mediação da coordenadora de Cultura da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec), Flávia Maria Cruvinel. Ela ressaltou a realização do fórum como uma conquista importante da área da cultura.

O professor da UFG e membro do Conselho Estadual de Cultura Wolney Unes iniciou a explanação recapitulando as origens dos conceitos de Economia da Cultura. Ele explicou que esse assunto passou a ser discutido com a criação dos setores quaternário e quinário da economia, relacionados com a produção de conhecimento, pesquisa e cultura. O gestor cultural do Sebrae Goiás, Décio Tavares Coutinho, definiu a cultura como "entusiasmante" e, por isso, geradora de valor agregado. Ele citou exemplos nos quais a cultura gera renda e sustentabilidade, como é o caso da produção de *rock* independente em Goiânia, apontado como referência nacional. Já o diretor de teatro e professor do Instituto Federal de Goiás (IFG) Sandro di Lima abordou as políticas culturais como fator determinante para impulsionar a cultura. O professor ainda frisou um importante desafio para a cultura brasileira: a formação de público. As discussões sobre cultura estenderam-se com o fórum "Cultura e extensão universitária na UFG", também na tarde do dia 29 de outubro quando professores da universidade debateram sobre a própria proposta do Conpeex

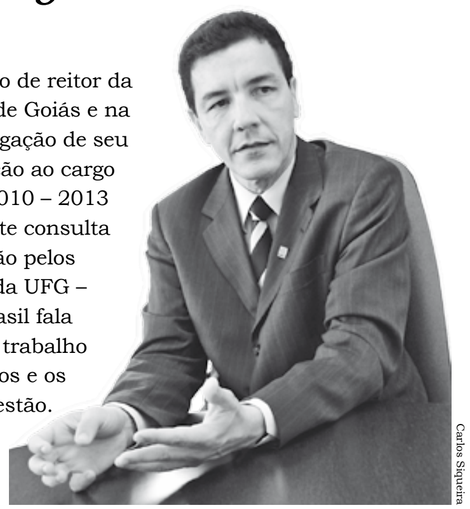
Carlos Siqueira

Da esquerda para a direita estão Wolney Unes, Flávia Maria Cruvinel, Sandro di Lima e Décio Tavares Coutinho

Trabalho em equipe, motivação e envolvimento social

Marcas da gestão sinalizam caminhos para superar novos desafios

Terminando o mandato de reitor da Universidade Federal de Goiás e na expectativa da homologação de seu nome para a recondução ao cargo para novo mandato, 2010 – 2013 – de acordo com recente consulta à comunidade e votação pelos conselhos superiores da UFG – Edward Madureira Brasil fala ao *Jornal UFG* sobre o trabalho nos últimos quatro anos e os desafios da próxima gestão. Ele conversou com Silvana Coleta e Silvânia Lima



Carlos Siqueira

Em linhas gerais, uma síntese da gestão

O maior desafio de uma gestão é manter a comunidade universitária estimulada com vontade de fazer que a universidade desempenhe plenamente seu papel. E a principal forma que encontramos de alcançar isso foi contar com uma equipe de trabalho integrada e envolvida no projeto. Pautamos nossa ação por alguns princípios que foram definidos e reafirmados ainda em 2005, durante a campanha, e, nesses quatro anos, temos reforçado. Talvez o princípio mais forte da gestão seja sua atuação com o máximo de transparência, procurando manter um diálogo muito franco com todos os segmentos da universidade. Com isso, acreditamos obter o que é mais importante: o compromisso das pessoas que compõem a universidade com o crescimento da instituição.

Talvez o princípio mais forte da gestão seja a atuação com transparência e diálogo franco com toda a universidade

A maior dificuldade enfrentada neste mandato foi a redução constante e a não-reposição do nosso quadro de servidores técnico-administrativos. Esse é o maior desafio porque a universidade cresce e o número de funcionários residentes diminui. Ao analisar o plano de gestão de quatro anos atrás, percebemos claramente que em quase tudo foi possível avançar. Eu diria que os maiores desafios que persistem dizem respeito à reposição de técnicos e a mais investimentos na área dos sistemas de informação da universidade.

Inclusão, a nova política

Uma marca muito forte desses últimos quatro anos é a palavra "inclusão", em três grandes vertentes. A primeira é a educação a distância. Até 2006, não tínhamos nenhum curso de graduação na modalidade a distância e hoje temos oito, estamos presentes em mais de 30 polos no estado, e estamos próximos de formar a primeira turma. Utilizamos uma tecnologia de educação em rede que garante a formação dos nossos estudantes de graduação, sem prejuízo na qualidade do ensino. A segunda é o oferecimento de turmas especiais, algumas delas com novas edições, como a de Licenciatura Intercultural Indígena, a de Pedagogia e a de Direito para Beneficiários da Reforma Agrária. Essa é uma forma de inclusão bastante significativa na graduação. A terceira é a política de cotas na universidade, implantada em 2009, por meio da qual reservam-se 20% das vagas da graduação para estudantes de escolas públicas. Ainda não é possível avaliar o impacto e o desempenho desses estudantes, mas estamos fazendo esse acompanhamento.

O acesso estudantil foi ampliado em todos os locais da UFG. Desde 2008, existe o Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), que destina recursos específicos para a assistência aos estudantes. Isso nos permitiu, naturalmente, ampliar a assistência. O Reuni também contemplou o apoio estudantil, por meio de bolsas (permanência, alimentação, iniciação científica, iniciação à docência, iniciação à cultura) e da alocação de recursos específicos para edificações, como a Casa do Estudante do câmpus II. Merece destaque também a ampliação significativa dessa assistência estudantil no interior, que praticamente não existia e hoje ela ocorre de forma quase plena nas três cidades. Maior proximidade dos câmpus do interior no dia-a-dia é outra meta alcançada.

Pessoal: ganho docente e perda de técnicos-administrativos

Para se ter uma universidade realmente forte, precisamos ter um quadro de docentes e técnico-administrativos forte e realmente consolidado. Nós conseguimos isso com os professores, conseguimos ampliar o quadro com o projeto Reuni e também transformar as vagas de professores substitutos em professores efetivos. A projeção que eu faço é que, em dezembro de 2011, quando se encerrará o Reuni, teremos perto de 1.600 professores. Portanto, se compararmos a UFG de janeiro de 2006 e a de dezembro de 2011, veremos que, em seis anos, saímos de um quadro de 1.100 professores para perto de 1.600 professores, dos quais mais de mil não estavam em janeiro de 2006, ou seja, acrescentamos 500 e trocamos 500.

No caso de docentes, houve essa conquista de todas as universidades federais perante o MEC para a reposição do quadro. Mas, no caso de servidores técnico-administrativos, essa reposição não veio nem perto da velocidade das perdas. Nós perdemos quadros de todas as formas, por aposentadoria, por mudança de emprego, por óbitos, por exonerações, sem a devida reposição e isso dificulta enormemente o planejamento. Quando assumimos, em 2006, de acordo com um levantamento do Departamento de Recursos Humanos, 850 servidores adquiririam o direito de se aposentar durante os quatro anos seguintes, cerca de 30% do quadro. Nesse período, aposentaram-se quase 500 servidores, de um universo de cerca de três mil.

Expansão é impulsionada com novos cursos e interiorização

Avançamos muito na área da graduação. Sem dúvida nenhuma, foi a área dentro da universidade que recebeu mais investimento e que experimentou o maior crescimento. Isso inclui apoio também às atividades administrativas. Encontramos a universidade com menos de 14 mil estudantes. Com o ingresso de 2010, teremos praticamente 18 mil estudantes na UFG. Ao final desse programa de expansão, serão aproximadamente 25 mil estudantes de graduação. Então, é um crescimento muito grande. Três marcas dessa expansão são dignas de nomear. A primeira, a interiorização. Quando nós assumimos, em 2006, já havia o projeto de expansão do Câmpus Catalão e do Câmpus Jataí. Eram projetos de 2005 do governo federal, e coube à nossa gestão implantar. Trabalhamos fortemente a vocação regional dos câmpus do interior, daí surgiram os cursos de Engenharia de Minas, Engenharia de Produção e Zootecnia, em Catalão. Em Jataí, outros cursos foram criados, observando-se também essa vocação regional. E ainda tivemos um grande salto qualitativo dessas nossas unidades. Antes havia câmpus com cerca de 30 professores do quadro federal; hoje cada um tem aproximadamente 200 professores. Uma conquista da renegociação da proposta de expansão com o MEC. Em Jataí e Catalão, quase todos os cursos eram noturnos, investimos em cursos integrais e em novas áreas. Hoje esses câmpus têm vida ativa nos três períodos, isso traz pesquisa, pós-graduação e atividades de extensão. Houve ainda a criação do Câmpus de Goiás. Hoje trabalhamos para que essa unidade tenha uma condição nos moldes das demais, inclusive com a oferta de cursos integrais e diurnos. Este ano, iniciamos as atividades dos cursos de Filosofia e Serviço Social e, em breve, teremos Audiovisual.

25 novos cursos, turnos diversificados e novas áreas do conhecimento

O segundo ponto foi a criação de cursos noturnos em Goiânia, atendendo a alta demanda, a oportunidade para muitos que antes não tinham acesso à UFG. São mais 25 cursos criados em Goiânia, boa parte deles nesse turno. E o terceiro aspecto que chamo a atenção são as novas áreas contempladas que preenchem lacunas do conhecimento na UFG, especialmente com os cursos Engenharia Mecânica, Arquitetura e Urbanismo, Estatística, Engenharia de Software, Sistemas de Informação, Engenharia Química e Museologia, entre outros.

Novos espaços e eventos culturais

A universidade inseriu mais atividades culturais em suas ações. Temos, por exemplo, participação ativa no Fica, no Goiânia em Cena e no Festcine, em conjunto com o Governo do estado e a Prefeitura de Goiânia. É muito amplo o espectro das atividades de extensão, sempre realizadas em conjunto com outras instituições. A Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec) é relativamente nova na UFG. Hoje nós temos, por exemplo, o programa de apoio a eventos na UFG, com material gráfico. O Sistema de Informação de Extensão e Cultura, (Siec), de apoio a projetos, vai ficando cada vez mais robusto e permite enxergar o alcance de sua atuação. Eu vejo a extensão como uma grande oportunidade de ganho em visibilidade e de reconhecimento da universidade nos diferentes espaços da sociedade. Estamos crescendo e, paulatinamente, melhorando os nossos espaços para as habilidades da área. Terminamos o cinema (Cine UFG, sediado na Faculdade de Letras), iniciado na gestão passada, construímos o Centro de Cultura e Eventos, a maior obra edificada na UFG. Além disso, investimos também em coisas mais simples, como palcos móveis, que podem ser montados nos diversos espaços da UFG, especialmente para atender a Banda Pequi, a orquestra, o coro e outros organismos e projetos culturais, como o projeto "Concertos na Cidade", o recém-lançado Música no Câmpus, que trará atividades musicais para um grande público. A extensão tem essa característica de envolver outras instituições, uma convergência de esforços, de parcerias, que insere a universidade no dia-a-dia das pessoas e de outras instituições.

Extensão é oportunidade de ganho em visibilidade e reconhecimento da UFG na sociedade

Parcerias possibilitam obras e outras ações

A consolidação da estrutura física da UFG é visível. Um grande número de obras da universidade tem o apoio direto da bancada parlamentar goiana. Um exemplo marcante é o Hospital das Clínicas (HC), cujo Bloco de Internação, um prédio de 20 andares, está sendo construído basicamente com recursos das emendas de bancada. O mesmo ocorre com o Centro de Cultura e Eventos, um centro de aulas, espaços de pesquisa, no câmpus I, além da aquisição de equipamentos para o HC.

A universidade relaciona-se muito bem com todas as esferas de governo (municipal, estadual e federal) e também com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, por meio inclusive de projetos desenvolvidos em parceria. Estão em andamento um trabalho relativo à identificação de fatores que são causa da violência na cidade, em conjunto com o Ministério Público estadual, e o estudo de equilíbrio fiscal do estado, análises das políticas de incentivo à fiscalização, que é feito pelo Centro de Documentação, Informação e Memória (CDIM) em conjunto com a Secretaria da Fazenda. Parcerias com a Caixa Econômica e o Banco do Brasil viabilizam novos espaços na UFG, e assim por diante. No campo das atividades de formação, oferecemos vários cursos de especialização a diversos setores da sociedade, tanto da esfera pública quanto da iniciativa privada. Vale ressaltar aí a parceria com a Secretaria de Educação a Distância e com o Centro de Empreendedorismo e Capacitação Profissional (Cecap), ligados ao MEC. Atualmente estamos em contato com a Empresa Brasil de Comunicação e Fundação Nacional do Índio (Funai) tendo em vista outros projetos.

Todos só têm a ganhar, quando a universidade se envolve mais com a sociedade, em todos os segmentos

A rigor, até o momento, obras do Reuni são a casa do estudante no Câmpus Samambaia e os centros de aulas nos dois câmpus de Goiânia. Todo o resto foi feito com recursos buscados, por meio de parcerias. É preciso que apresentemos bons projetos, para que os recursos venham. A apólice de recursos do Reuni é grande, mas proporciona somente a infraestrutura para aqueles cursos que estão sendo criados. As necessidades da universidade são muito maiores. Temos conseguido atender a essa demanda, ainda que não na dimensão em que necessitamos. E é até bom que seja assim mesmo, a universidade sempre tem de querer mais e mais, isso é sinal de vigor e de crescimento e exige de nós cada dia mais ação, presença e criatividade. Dessa, forma, acredito que conseguimos colocar na universidade quase outro tanto dos recursos oriundos do Reuni.

Eu sonho com o dia em que a universidade exerça mais o seu papel de grande influenciadora, no sentido de contribuir cada vez mais efetivamente com as políticas públicas em todos os níveis. Acredito que a universidade tem competência e isenção para isso. Todos só têm a ganhar, quando a universidade se envolve mais com a sociedade em todos os segmentos. Não apenas com o governo, mas com os movimentos sociais. É realmente um potencial de mudança do país.

Relações internacionais

A mobilidade internacional foi a área que mais cresceu. O número de estudantes da UFG em intercâmbio, entre 2005 e 2009, sem dúvida alguma, aumentou cerca de 20 vezes – e boa parte com bolsa. Da Capes, agora temos quatro programas fixos e cada um leva quase dez estudantes por ano para os Estados Unidos. Temos o Brafitec, um convênio com a França para a área das engenharias. Apesar dos convênios direcionados aos professores, demos um grande salto ao contemplar mais os estudantes, em virtude de novos convênios, novas oportunidades e novos financiadores. Precisamos explorar mais os países da América Latina. Temos recebido mais estudantes estrangeiros. Os programas de intercâmbio chegam também aos câmpus do interior. Na mobilidade internacional, a grande tarefa cumprida foi a validação interna dos conteúdos cursados. E a mobilidade nacional também está sendo incentivada, pois é estratégia de desenvolvimento do país que os estudantes conheçam todas as regiões.

Competitividade reconhecida na pesquisa

A pesquisa na UFG também recebeu grande impulso nos últimos tempos, com o avanço uniforme em todas as áreas e o melhor desempenho de sua história. Somos competitivos em quase todos os editais lançados. Isso vem de uma postura institucional bem consolidada, para que a cada ano a participação em pesquisa aumente significativamente. Quanto mais doutores, maiores os valores solicitados nos projetos da universidade às agências de fomento. Normalmente é aprovado algo em torno de 30% ou 40% do valor máximo de cada instituição, mas este ano nós aprovamos cerca de 70% do valor máximo, o terceiro ou quarto maior entre as universidades. E o montante aprovado, cerca de R$ 9 milhões, também está entre os primeiros, deixando para trás outras universidades com mais doutores do que nós. Isso mostra a competitividade da nossa instituição, a maturidade da nossa pesquisa e a qualidade dos projetos apresentados. Nesta gestão cumprimos os percentuais orçamentários de custeio previstos para essa área (6%), e também da extensão e cultura (2%). Não é um valor muito alto, mas permite planejar a aplicação nessas áreas e a ampliação das atividades.

Novos cursos e bons conceitos na pós-graduação

A grande expansão da pós-graduação já havia chegado à UFG quando assumimos a Reitoria. O que ocorreu foi a criação de novos cursos, como, por exemplo, na área de Comunicação. Cobrimos algumas lacunas, a pós-graduação *stricto sensu* chegou ao interior na nossa gestão. Hoje, Jataí tem dois cursos de mestrado (Geografia e Agronomia) e Catalão tem um (Geografia). Está havendo uma ampliação significativa dos cursos de doutorado, e acredito que esteja perto de termos o primeiro doutorado no interior. Em 2009, tivemos vários doutorados aprovados, como é o caso da Enfermagem, Matemática e Nanotecnologia Farmacêutica. Agora buscamos o crescimento dos conceitos desses cursos na Capes. Atualmente, cinco cursos estão com nota 5 e, certamente, na próxima avaliação teremos outros com esse conceito (a nota máxima é 7). Estamos quase chegando a 50 programas de mestrado e a 20 de doutorado. Houve um grande crescimento do quadro de professores, a maioria com doutorado, e eu acredito que um novo ciclo de expansão quantitativa e qualitativa na pós-graduação da UFG ocorrerá em breve.

Desafios da próxima gestão

O desafio da próxima gestão é cuidar do avanço institucional, melhorar os processos de gestão interna. Isso inclui a melhor utilização de recursos humanos, torná-los cada vez mais consolidados e perenes. Estamos passando por uma mudança na regulamentação geral dos cursos de graduação e um ponto que faria avançar significativamente o ensino seria a forma de oferta de disciplinas entre as unidades, de modo que contemplem o maior número de cursos e permitam mais integração entre as unidades. Estamos começando a trabalhar com redes interinstitucionais, então temos de estar com nossas relações intrainstitucionais muito bem estabelecidas.

Externamente, é preciso consolidar o papel da UFG como articuladora do desenvolvimento do estado, contribuindo não só naquilo para o que é requisitada, mas apresentando-se para discutir outras grandes questões da sociedade, como a melhoria da educação básica, da saúde e da segurança. Em que medida podemos fazer isso? Temos competência e capacidade de trabalho, além de independência política. A UFG teve um papel fundamental, por exemplo, na criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg).

Um novo mandato traz o desafio de avançar mais. Há uma motivação muito grande para o início de mais uma gestão, mesmo sem saber exatamente que cenário encontraremos no futuro, já que estamos próximos a passar por eleições presidenciais e estaduais. Acredito que, independentemente de quem seja eleito, será exigido da universidade um compromisso igual ou maior do que tem sido até agora.

Segurança e qualidade como lema

O Centro de Seleção (CS) da UFG aprimora a cada dia suas ações e é referência nacional em processos seletivos

Luciana Santal

A união de cinco unidades acadêmicas – Faculdade de Direito (fundada em 1898 na antiga capital do estado), a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1945), a Escola de Engenharia (1952), o Conservatório de Música (1956) e a Faculdade de Medicina (1960) – deu origem à Universidade Federal de Goiás (UFG), criada em dezembro de 1960. No entanto, mesmo antes da criação da UFG, o ingresso dos alunos se dava por meio de um processo seletivo, que cada uma das faculdades realizava. Um exemplo disso foi o primeiro vestibular da Faculdade de Medicina, aplicado em abril de 1960, que teve 178 inscritos e 33 aprovados. Como o tempo hábil para o vestibular já havia se esgotado, as provas só puderam ser realizadas nessa data porque o então presidente Juscelino Kubitschek autorizou o calendário especial.

Em 1971, foi criada a Comissão Especial do Concurso Vestibular (CECV) para realizar o processo seletivo unificado dos cursos oferecidos pela UFG. Entretanto, o Ministério da Educação (MEC), por meio de decretos e portarias, determinava o modelo de vestibular a ser adotado em cada ano, os tipos de provas e questões, a data e o horário do início das provas, o valor da taxa de inscrição etc. A professora Maria Mitsuko Okuda, que ocupou a presidência da CECV de abril de 1990 a abril de 1994, informou que, apenas no início daquela década, o MEC promoveu mudanças significativas no tocante à autonomia das universidades para conceber o seu sistema de seleção.

De acordo com a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, o conhecimento gerado pelos consecutivos processos seletivos, a qualidade do trabalho, a capacitação das pessoas que atuam na realização das provas, fizeram com que o vestibular da UFG se tornasse uma referência nacional em segurança, logística e qualidade. A CECV, cada vez mais capacitada, passou a realizar, além do vestibular, concursos para instituições públicas e privadas, na forma de prestação de serviços.

Em face dessa diversidade de demanda de processos seletivos, foi preciso ajustar o nome do órgão, para abarcar a natureza dos serviços que passou a oferecer. Em 5 de outubro de 2000, a CECV passou a se chamar Centro de Seleção (CS) e, desde então, atua com o objetivo de colocar uma estrutura qualificada (profissionais competentes aliados ao que há de mais seguro, ágil e eficiente em matéria de concursos públicos e processos seletivos) à disposição de órgãos públicos municipais, estaduais e federais, de empresas públicas e privadas, de universidades e faculdades isoladas.

Vinculado à Pró-reitoria de Graduação (Prograd), o CS é formado por três coordenações: pedagógica, de logística e de informática. Cada uma é subdividida em dois setores: vestibulares e concursos públicos. O coordenador de logística e presidente do CS, Valtercides Cavalcante da Silva, explicou que a logística é responsável, entre outros procedimentos, por definir e preparar toda a infraestrutura (prédios, equipamentos, segurança, recursos etc.) para a realização das provas, de acordo com o número de candidatos, bem como a forma de distribuição dos mesmos.

O setor pedagógico do CS é responsável por planejar, acompanhar, executar e avaliar os procedimentos de elaboração e correção das provas. A coordenadora Suely Corsino explicou que, entre as diversas atribuições da equipe pedagógica, destacam-se: as atividades de elaboração do *Manual do candidato* do processo seletivo; as orientações às bancas sobre as respostas de recursos interpostos por candidatos; a composição e publicação dos gabaritos e das respostas esperadas; a seleção dos professores que integram as bancas de elaboração e de correção das provas; a composição e a editoração das provas; a definição dos mecanismos de aplicação e correção das provas aos candidatos portadores de necessidades especiais.

A outra parte importante dessa rotina cabe à coordenação de informática, cujo trabalho envolve complexas medidas de segurança no tratamento e processamento das informações relativas aos processos seletivos. De acordo com o coordenador, Auri Vincenzi, entre as atividades desenvolvidas por essa coordenação estão a criação de páginas web para a divulgação de editais e informações; o desenvolvimento de formulários para a inscrição dos candidatos e protocolo de recursos; computação e divulgação dos resultados preliminares e oficiais das provas realizadas, além de impressão do material restrito referente aos processos seletivos, tais como caderno de questões, caderno de respostas e relação de candidatos.

A professora Luciana Freire relatou que, no primeiro semestre de 2009, período no qual estava à frente da presidência do CS, a equipe chegou a organizar 11 processos seletivos concomitantemente. Ela atribui isso ao fato de que o CS oferece, atualmente, melhores condições de trabalho e de equipamentos, além de contar com um espaço físico ampliado e uma equipe eficiente, compromissada com o trabalho realizado.

Carlos Siqueira

Sede do Centro de Seleção no Setor Universitário

Fotos: Vinicius Batista

Valtercides da Silva, presidente do Centro de Seleção, Suely Corsino e Auri Vincenzi que coordenam respectivamente os setores de logística, pedagógico e de informática

Carlos Siqueira

Parte da equipe do Centro de Seleção da UFG

Enem não entra no vestibular 2010/1

Beatriz Mendes

O Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (Cepec) da UFG, em reunião realizada no dia 15 outubro, no Câmpus Samambaia, decidiu, por unanimidade, pela não-utilização da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no Processo Seletivo 2010/1. De acordo com a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, se as datas do vestibular fossem alteradas para utilizar a nota do Enem na primeira fase do vestibular, como estava previsto no edital do concurso, a decisão acarretaria prejuízos à instituição. Nesse caso, a UFG teria seu calendário acadêmico totalmente modificado, com previsão do início das aulas para o final do mês de abril.

Ainda de acordo com a pró-reitora, a recomendação é para que os estudantes façam as provas do Enem (realizadas nos dias 5 e 6 de dezembro), tendo em vista que o resultado poderá ser utilizado por outras universidades e pela própria UFG nos próximos processos seletivos e para o preenchimento de vagas remanescentes.

Em nota, o reitor Edward Madureira Brasil explicou os motivos de a UFG, não utilizar o exame no PS-2010/1 e informou que a instituição já utilizou o Enem em processos seletivos anteriores, o que expressa a confiança na qualidade desse exame, pois possibilita uma avaliação mais abrangente de conhecimentos e competências do egresso do ensino médio. Edward esclareceu também que a decisão aplica-se apenas ao Processo Seletivo 2010/1 da UFG.

Estudo inovador avalia a cobertura do sinal de TV digital

Estimação precisa, feita por redes neurais artificiais, oferece uma nova ferramenta que avalia a qualidade do sinal digital em pontos específicos de recepção

Michele Martins

Com a TV digital surgiu a promessa de transmissões de imagem e som em alta definição (HD, do inglês *high definition*), sem falhas. No entanto, a qualidade perfeita das imagens também depende de como os sinais são transmitidos. Uma vertente pioneira de estudos nessa área foi aberta pela a Escola de Engenharia Elétrica e de Computação (EEEC) da UFG.

Um deles avaliou a qualidade do sinal emitido para a região metropolitana de Goiânia, no período de maio a junho de 2009 e propôs uma nova ferramenta com base em redes neurais artificiais para a estimação da intensidade do sinal de TV digital. Com informações sobre a qualidade do sinal digital captado em diversos pontos da cidade, foi possível estimar, a partir de algoritmos matemáticos formulados de acordo com os esquemas de redes neurais artificiais, a qualidade do sinal em qualquer ponto determinado. Antes era necessário a permanência de uma pessoa nesses pontos com um equipamento de medição. A estimação mostrou-se altamente confiável, pois oferece a previsão segura sobre o nível do sinal digital.

A pesquisa foi desenvolvida por Douglas Dias da Silva, durante o seu mestrado, sob a orientação do professor Getúlio Antero de Deus Júnior. Uma das principais constatações foi que, à medida que a distância entre o transmissor e o receptor aumenta, a intensidade do sinal decresce exponencialmente e pode ser corrompido. De acordo com Douglas Dias, é comum que obstáculos do ambiente, como edificações, árvores e até mesmo veículos e pessoas, interfiram na qualidade do sinal em receptores móveis e fixos em diversos pontos. Segundo o professor Getúlio Antero, esse modelo de ferramenta poderá ser adequado às especificidades do ambiente urbano nas diferentes cidades e ajudará na implantação de redes de TV digital.

Na região da grande Goiânia, a transmissão do sinal de televisão digital foi iniciada em agosto de 2008, pela TV Anhanguera, afiliada à Rede Globo. Atualmente a universidade mantém negociações com a iniciativa privada visando à parceria para o desenvolvimento de pesquisas que avaliem a transmissão do sinal digital, com a perspectiva de ser transmitido pela TV UFG. A proposta é que, inicialmente, a EEEC estude o comportamento da rede de frequência única (SEN, do inglês *single frequency network*) na cidade de Goiânia.

Carlos Siqueira

Professor Getúlio Antero, da Escola de Engenharia Elétrica e de Computação ao lado de Douglas Dias que apresentou resultados de importante pesquisa para o processo de digitalização da TV

HC ingressa na Rede Universitária de Telemedicina

Thalízia de Souza

O Hospital das Clínicas (HC) da UFG passará a integrar, a partir do dia 2 de dezembro, a Rede Universitária de Telemedicina (Rute), um projeto idealizado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e coordenado pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) para ser implantado em todos os hospitais federais de ensino. Será inaugurado neste dia o Núcleo de Telemedicina e Telessaúde do HC, que integrará o Hospital das Clínicas da UFG a outros hospitais universitários, por meio da utilização de tecnologias de informação e comunicação, para o intercâmbio de informações válidas para diagnósticos, prevenção e tratamento de doenças e a contínua educação de prestadores de serviço em saúde, assim como para fins de pesquisa e avaliações.

O intuito do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) com essa iniciativa é prover as instituições participantes de uma infraestrutura de serviços de comunicação, os quais serão disponibilizados para os grupos de pesquisa a fim de que possam desenvolver trabalhos que permitam a avaliação remota de casos clínicos, o pré-diagnóstico a distância e a educação continuada em saúde. Outra vantagem será a possibilidade de levar os serviços desenvolvidos nos hospitais universitários a profissionais que se encontram em áreas remotas ou cidades distantes, proporcionando treinamento e capacitação de profissionais da área médica sem deslocamento para os centros de referência.

A infraestrutura montada no HC abrange uma sala com capacidade para 16 pessoas, equipada com internet banda larga, sistemas *wireless*, servidores, 11 microcomputadores com webcam, duas TVs de plasma de 32 polegadas, dois equipamentos de videoconferência – um fixo e outro móvel para transmissão de cirurgias e procedimentos realizados em outros setores do hospital, dois *scanners* de Raios-X, câmeras e projetores de alta definição. Foram destinados recursos de R$ 280 mil provenientes do MCT para a aquisição dos equipamentos, com apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e da Associação Brasileira de Hospitais Universitários (Abrahue).

A inauguração será transmitida por videoconferência para outras instituições e contará com a presença do Coordenador Nacional do Projeto Rute, Luiz Ary Messina, e de membros da comunidade do HC/UFG.

Divulgação

Sala de Telemedicina no HC em transmissão teste com profissionais do hospital

Michele Martins, Patrícia da Veiga e Silvânia Lima

fotos: Carlos Siqueira

Professores João Teodoro de Pádua, Eliane Moreira Sá de Souza e o vice-presidente da Federação da Indústria do Estado de Goiás (Fieg) Ivan da Glória Teixeira

Gestão moderna em todos os níveis baseia-se em parcerias

Já há algum tempo o termo parceria vem se incorporando ao cotidiano das organizações públicas e privadas. Hoje, são raras as ações isoladas e de mão-única. Parceria tornou-se palavra-chave, condição viabilizadora de ações e a solução para o amplo atendimento de interesses. As parcerias entre segmentos da sociedade e o setor público apresentam-se como importante mecanismo para o desenvolvimento social. Soluções tecnológicas inovadoras, acesso à informação, cooperação e trocas que satisfaçam interesses mútuos tornam possíveis e mais eficazes muitas ações. No meio acadêmico são muitos os exemplos no ensino, pesquisa e extensão. Há que se ressaltar a transferência de tecnologias, as incubadoras sociais de empresas, eventos culturais, frutos da parceria entre o setor privado e as universidades. Com o intuito de abordar a importância das parcerias na sociedade, o Jornal UFG, promoveu uma mesa-redonda, transmitida ao vivo pela Rádio Universitária (870 AM), no dia 21 de outubro. Compareceram o coordenador de transferência e inovação tecnológica da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG) da UFG, professor João Teodoro de Pádua, o vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Ivan da Glória Teixeira, e ainda a coordenadora do Departamento de Administração da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (Face) da UFG, Eliane Moreira Sá de Souza.

Qual a relevância das parcerias para a sociedade, do ponto de vista dos setores em que cada um dos senhores atuam?

Ivan da Glória – A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) acredita que sem, uma parceria firme, real e transparente, não conseguimos alcançar nossos objetivos de ter uma indústria de ponta em Goiás, que invista em inovação tecnológica e considere os problemas socioambientais. Principalmente agora, em que há grande interesse no desenvolvimento de novos materiais, a parceria com a universidade é muito saudável. A Fieg participa por meio da representação nos conselhos da UFG, da Fapeg, da Funape e do programa de incubadoras. E, mais diretamente, aproveita o potencial humano que existe na universidade com a participação de mestres e doutores nas indústrias goianas.

João Teodoro – As parcerias já vêm sendo praticadas na universidade há tempos. Mas, até há poucos anos, tinham uma forma individual. A Lei de Inovação Tecnológica, regulamentada em 2005, provocou uma mudança nas instituições públicas, facilitando o processo de transferência de tecnologia e estimulando as parcerias. Um exemplo básico do avanço que houve é o Programa de Incubação de Empresas da UFG (Proine), que iniciou suas atividades em 2005 com uma empresa incubada e hoje tem 12. Para estimular o crescimento desse programa, são buscadas parcerias com o setor empresarial. Outra ação, desenvolvida em 2008, foi a criação do Programa de Empresa Júnior que estimula a parceria e, embora muito novo, já tem a adesão de alunos e de professores de várias unidades acadêmicas. A parceria é uma saída que temos para avançar. Temos de dar vazão à nossa produção científica, que cresceu muito nos últimos anos. A transferência de tecnologia da academia para a sociedade ocorre por meio de parceria.

Eliane Moreira – Como coordenadora do curso de Administração da UFG, concordo que a parceria é uma ação primordial. As organizações estão inseridas em um ambiente com um nível de competição muito alto e que demanda um constante reposicionamento das ações para que se tornem e permaneçam competitivas. Para a Administração a parceria com o setor privado representa a possibilidade de aplicar os resultados das pesquisas, as novidades de conhecimento. Apesar de ser um curso muito novo – está formando sua primeira turma em 2009 – já conseguimos contribuir com a missão da universidade de contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Buscamos parcerias em vários setores, em empresas públicas e privadas. Os estágios supervisionados são um exemplo disso.

Parceria é uma relação de troca, pressupõe que um tem algo a oferecer que interessa ao outro. É favorável o cenário de convergência de interesses das universidades e das empresas?

Ivan da Glória – Com a aprovação da Lei de Inovação começou haver uma abertura maior das atividades da universidade. Agora depende dos empresários buscar mais a universidade, abrir as empresas para o desenvolvimento tecnológico e a pesquisa. Muitas vezes achamos que investir em pesquisa é despesa e não investimento. É uma pena pensar isso, mas nós não temos bons projetos. Quem sabe fazer um bom projeto são os pesquisadores, que estão nas universidades. É importante falar isso neste momento, pois temos incentivado a aprovação de uma lei de inovação estadual. As dificuldades de parceria que havia entre universidade e empresas privadas estavam tanto de um lado quanto do outro. O empresário entendia que só existia a pesquisa básica e não as pesquisas aplicadas. Como o seu interesse é o resultado, o produto que seja comercializável e traga lucro, ele quer sempre saber qual será o retorno do investimento em pesquisa e inovação tecnológica.

João Teodoro – A Lei de Inovação veio para regulamentar algumas ações que já existiam mas eram consideradas ilegais. Ela permite, por exemplo, que agora um professor com dedicação exclusiva possa licenciar-se por três anos (prorrogáveis por mais três) para montar ou dirigir uma empresa. Quem vai realizar a inovação tecnológica é a empresa. Geramos os conhecimentos, os processos e os produtos, mas não em escala comercial. Nossos laboratórios são para ensino e pesquisa, não temos condição de produzir em escala industrial. Também não é nossa atribuição. Nosso trabalho é testar, aplicar a metodologia. Uma vez que as metodologias e os produtos são considerados aptos para aplicação, aproximamo-nos do setor comercial, o que só ocorre se existe uma parceria estabelecida. O que o empresário tem? Ele conhece o mercado e procura produtos ou processos que conquistem espaço. Essa associação do recurso financeiro dos empresários, o mercadológico e a habilidade em trabalhar com as incertezas termina em uma parceria produtiva, frutífera.

E a universidade, o que ganha com isso?

João Teodoro – A universidade ganha muito, vendo o quanto a produção acadêmica repercute no desenvolvimento socioeconômico da região, do estado, do país e até fora do Brasil. O produto ou o processo gerado será utilizado em benefício da população. Mas o empresário achava que a visão da universidade estava distante, era difícil de ser alcançada, e a instituição achava que o empresário não estava interessado no conhecimento que ela produzia. Temos de superar isso. Felizmente, com a Lei de Inovação Tecnológica essa aproximação está acontecendo de uma forma rápida.

Ivan da Glória – A iniciativa da UFG de promover o Café Tecnológico serve para aproximar empresários e pesquisadores. Tivemos recentemente um encontro muito bom na universidade, com a participação, não só das empresas incubadas do Programa de Incubação de Empresas (Proine), mas também com diversos empresários. Essa é uma ação que deve ser repetida e nós da federação vamos seguir o exemplo.

Além das parcerias entre o setor público e o privado, existem outros tipos de parcerias?

Eliane Moreira – Para existir uma parceria as partes envolvidas têm de buscar um objetivo comum. Elas normalmente estão fragilizadas nos seus recursos para atingir esse objetivo e, por isso, se juntam para se tornarem mais fortes e alcançar o que pretendem. Temos vários tipos de parcerias, mas é frisar que parceria não é contrato de fornecimento de serviço. Nas parcerias, buscamos nos tornar mais fortes, minimizar os riscos, mas permanece a identidade de cada um dos parceiros. Temos as do tipo *joint venture*, quando se juntam duas organizações para realizar uma atividade em comum mantendo a sua identidade e normalmente objetivos de um custo financeiro ou de um risco bem maior. Temos as alianças estratégicas, como as franquias, que são de um tipo mais duradouro em relação às pequenas parcerias, que se desfazem quando é alcançado o objetivo. A universidade trabalha com ensino, pesquisa e extensão e é uma formadora de talentos que vai prover essas organizações. Temos de quebrar esse paradigma, de que a universidade só trabalha em pesquisas que ficam engavetadas. Ela também trabalha o foco intervencionista nas organizações. Por isso, um de nossos projetos é incentivar empresas juniores que trabalham de forma intervencionista. Os cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis têm tido uma busca ainda muito pequena por parte dos empresários, quando precisam solucionar os problemas das organizações e não sabem como.

A comunidade e a sociedade civil também podem ser envolvidas nessas relações de parceria? Há um retorno direto para a sociedade?

Eliane Moreira – Entendo que sim, e que deve ser assim. Nos mais diversos setores, temos o envolvimento da sociedade civil, como, por exemplo, o evento, aberto ao público, em que nossos alunos mostrarão à comunidade em geral projetos de finanças pessoais. Há amplos projetos de educação a distância em parceria com o MEC com o Banco do Brasil.

João Teodoro – Existe hoje na universidade o projeto da Incubadora Social, que

João Teodoro

trabalha com cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Também está sendo implementada na universidade a coleta seletiva de lixo, isso é um diferencial.

E o exemplo da cooperativa dos produtores de açafrão de Mara Rosa?

João Teodoro – Esse é um bom exemplo em que toda a comunidade foi envolvida com a participação da universidade para melhorar a qualidade do produto, dos processos agronômicos, do desenvolvimento da cultura e até a comercialização. Fechamos toda a cadeia.

Eliane Moreira – Em Goiás temos bons exemplos de cooperativismo no setor do agronegócio. Hoje o programa de mestrado em Agronegócio da UFG produz muitas dissertações sobre as cooperativas no agronegócio. São trabalhos que realmente ajudaram no desenvolvimento das cooperativas, envolvendo a sociedade de local e fazendo um planejamento de como montar ou como colocar seus produtos no mercado.

As parcerias envolvem interesses tanto da universidade quanto do setor privado, mas qual é a garantia de que o investimento privado não venha a interferir na autonomia da universidade? E quanto aos reflexos e benefícios para a sociedade?

João Teodoro – Isso pede uma conscientização do setor empresarial de que a universidade existe para trabalhar em parceria, ou seja, o setor privado busca aquilo em que a universidade é *expert* e deve haver um respeito mútuo. Temos o conhecimento, eles têm o interesse, mas não deve haver interferência do capital privado. Em uma relação de verdadeira parceria, ambos os componentes vão ater-se ao que é de sua competência.

Eliane Moreira – Há a necessidade de um tipo de parceria para saber dos empresários que perfil de profissional eles efetivamente demandam. Se não tivermos empresários junto com a universidade para definir o perfil que atenda às suas demandas, a universidade não consegue prover o mercado. É necessário ter um grupo de empresários que trabalhe com os colegiados dos cursos para mostrar suas demandas a fim de que os cursos possam ajustar-se. Sem essa parceria, corremos o risco de formar profissionais que não têm perfil adequado à necessidade da região.

Ivan da Glória – Um reflexo importante para a sociedade é a formação de profissionais adequados para o mercado, um profissional antenado, que antecipe algum cenário. Também o apoio intelectual de um pesquisador na empresa, que contribui para gerar produtos com qualidade, aumentar a produtividade, atingir o mercado nacional e, com isso, a oferta de empregos, beneficia a comunidade. Ninguém vem para Goiás se não oferecermos infraestrutura e recurso inte-

Ivan da Glória

lectual, acadêmico e profissional. Hoje, no sistema da Federação das Indústrias (Sesi/Senai) temos lutado muito para formar mão-de-obra básica, mas precisamos daquele supervisor, daquele gerente que é formado na universidade. Com isso, vamos gerar mais empregos, abrir mais postos de serviços, investir em máquinas. O grande lance é gerar emprego e renda, diminuir a discrepância em que estado rico é do sul e do sudeste e estado pobre é do centro-oeste para cima. Tanto é que agora os recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) estão se deslocando para cá, graças ao aumento de doutores nas universidades. Com isso, teremos mais projetos, investimentos e atração de novas empresas.

Então o nível de treinamento oferecido pela universidade é um fator de segurança para o mercado? Essa parceria pode influir na base da economia?

Ivan da Glória – Exatamente. Um fator de tranquilidade para o empresário é ter mão-de-obra competente em todas as áreas, administração, produção. Nós temos de buscar na universidade porque quem forma é ela. O centro-oeste hoje está começando a ter uma forma mais aberta de trabalhar com a universidade. A base da economia já está mudando. Um exemplo é o agronegócio, no segmento sucroalcooleiro. Vê-se a modernização da produtividade. Outro exemplo é o setor farmacêutico, que mudou muito. Em Anápolis falta mão-de-obra qualificada. Muitos profissionais vieram de outros estados para atuar aqui em Goiás.

Eliane Moreira – O empresariado precisa ajudar a universidade. É preciso que as empresas abram as suas portas para a universidade. Temos uma dificuldade, quando queremos levar os estudantes em uma visita técnica. São poucas as empresas de Goiás que abrem as portas para a universidade.

João Teodoro – Essa interação universidade–setor empresarial tem realmente de ser discutida. A UFG, tendo a visão da importância disso criou, em 2007, uma coordenação para cuidar da transferência tecnológica dentro da Pró-reitoria de Pesquisa e Prós-graduação, que apoia o crescimento e o desenvolvimento de programas, como o Programa Empresa Júnior e o Proine. Temos também um projeto para implantar no estado de Goiás um parque tecnológico. Aí, sim, teremos as parcerias com o setor industrial de diferentes áreas de atuação e atividade e condições de agrupar essas inovações e transferência de tecnologia. Tivemos um projeto aprovado na Finep para fazer um estudo técnico-econômico da viabilidade de implantação desse parque. O estudo mostrou que realmente temos potencial para implantá-lo. Temos também um projeto muito interessante de parceria para a implantação de um laboratório de caracterização e desenvolvimento de materiais, nos moldes do que já existe na Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). Essas ações mostram que a UFG intensificou as parcerias. Temos exemplos concretos de resultados de parcerias bem-sucedidas. O governo também tem acenado muito positivamente, ao injetar recursos por meio de projetos de pesquisa e editais de pesquisa. Temos na incubadora empresas apoiadas por esses editais. Três empresas incubadas receberam o Prime, que é um programa da Finep. Temos também o Papi, que é outro programa de apoio ao pesquisador na empresa, também da Finep. E o mais importante é que temos de pensar no impacto positivo das parcerias para a nossa região.

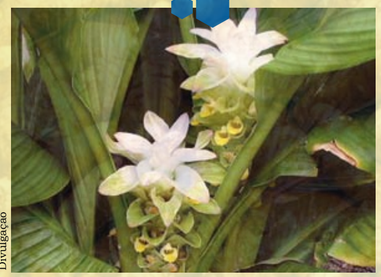
Eliane Moreira – A universidade caminha na direção das parcerias entre sociedade e comunidade empresarial. O próprio MEC está investindo em projetos que levem o conhecimento à sociedade, levem os profissionais aos mais longínquos municípios de Goiás. Fizemos este ano uma feira de produtos ecologicamente corretos, para mostrar que esse setor está aberto e é um investimento empresarial com resultados muito bons. Mas parceria para a realização do evento nós não tivemos nenhuma. A universidade está prevendo para junho de 2010 a segunda Expomaketing, voltada para o comércio exterior. O objetivo é mostrar ao mercado e futuros empresários goianos o que e como se exporta, o que é necessário para isso. Há facilidades que o empresário não conhece.

Eliane Moreira

Mas não adianta nada fazermos isso, se não houver participação da sociedade e do empresariado.

Ivan da Glória – Sobre a possibilidade de abertura das empresas para os estudantes, levarei à diretoria da Fieg essa discussão. Gostaria de registrar a recomendação das indústrias aos universitários: continuem seus esforços, porque as empresas vão buscar sempre os melhores.

Divulgação



Divulgação

Fotos: Carlos Siqueira

Quando comunidade e universidade crescem juntas

O conhecimento científico pode alterar um lugar, um contexto ou uma condição. Entretanto, é melhor aproveitado quando contribui também para a transformação a partir da prática social. Em Mara Rosa, tanto os produtores de açafrão como a equipe da UFG se modificaram depois que passaram a compartilhar experiências.

Angélica Queiroz
e Patrícia da Veiga

Em um diálogo, quando os olhares estão voltados para direção similar e há reciprocidade, ainda que as manifestações sejam diferentes, o resultado só pode ser transformação. Um exemplo disso é o que uma atividade de ensino, pesquisa e extensão, iniciada em 1997, tem feito, tanto com o município de Mara Rosa, quanto com a equipe da Universidade Federal de Goiás (UFG) envolvida.

Em meados dos anos 90, Henriqueta Rolim, então professora do curso de Agronomia da UFG, foi surpreendida por um de seus alunos, Silvio Oliveira, cuja família era de Mara Rosa e produzia açafrão. Ele, que cresceu vendo o rizoma brotar da terra, convidou-a para uma visita à sua cidade. Lá, ela deveria conhecer a produção de açafrão de sua avó e de tantas outras famílias.

Henriqueta conheceu Terezinha Maria de Oliveira, a avó de Silvio, com quem depois partilharia uma estreita amizade. A professora propôs que, no Pastinho, como é conhecida a propriedade de Terezinha, começassem a experimentar outras formas de manejo (limpar, secar e armazenar) do açafrão retirado da terra. Um lavador, uma estufa e um triturador adquiridos por meio de financiamento público do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás (Sectec) deram início à parceria. "Foi o suficiente para o momento, pois partimos da experiência local e eles visualizaram a melhoria que teriam", comenta Henriqueta.

Nessa época, o município de Mara Rosa já era conhecido pela produção do açafrão, o novo "ouro do cerrado", que se vendia a outros estados. Desde que, na década de 1940, Terezinha e suas irmãs descobriram que podiam trocar aquela raiz amarelada, que se alastrava na beira do córrego, por comida, carro de bois e vacas, outras pessoas passaram a fazer o mesmo e o açafrão tornou-se a principal fonte de renda da região.

Henriqueta encontrou ali pequenos produtores já consolidados. Porém, conforme ressalta, "pouco sistematizados". Foi assim que ela percebeu que qualquer trabalho seria muito mais de adaptar ou construir conhecimento conjuntamente do que de criá-lo. "Eles secavam o açafrão em lona e o armazenavam em vidro fotossensível. Isso fazia perder um pouco a qualidade. Passamos, então, a experimentar qual a melhor forma de beneficiar o produto", explica Henriqueta.

Da lona para a estufa, da estufa de volta para a lona: pouco mais de vinte anos depois, secar o açafrão ao ar livre ainda faz parte do hábito, uma vez que a estufa se tornou cara para o produtor. "Não deu muito certo", diz Zenino da Silva, que desde os 12 anos de idade conhece a lida com o açafrão. Por outro lado, encontramos na Mara Rosa de hoje máquinas que lavam, separam, trituram e moem o açafrão – muitas delas originaram de projetos criados na UFG – até que ele chegue à fase final de embalagem, em sacos de plástico reciclado. Sinal de que a comunidade escolheu o que aproveitar da universidade.

Na visão do professor Celso José de Moura, da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EA), que atualmente coordena o grande grupo multidisciplinar que desenvolve extensão, pesquisa e ensino ao lado dos açafroeiros de Mara Rosa, um trabalho que se propõe partir da vivência da comunidade deve, necessariamente, estar disposto a negociar conhecimento. "Começamos com a extensão, depois enxergamos oportunidades de pesquisas que, posteriormente, foram devolvidas àquela comunidade. Ela se adaptou para o que necessitava e acrescentou outros saberes, que nós acatamos, incorporando seus conhecimentos populares aos nossos estudos. O caso da estufa é emblemático", explica o professor.

Os benefícios dessa parceria são incontáveis. Tanto que Celso Moura diz ter "perdido o controle" da dimensão do projeto do açafrão na UFG. Atualmente, estão envolvidos com Mara Rosa e com o açafrão os cursos de Agronomia, Engenharia de Alimentos, Biologia, Química, Geografia, Economia e, também, pesquisadores do Instituto de Patologia e Saúde Pública (IPTSP). Fazendo as contas, o professor estima a realização de 20 trabalhos de iniciação científica, oito de conclusão de curso (dois deles realizados na Universidade Federal de Uberlândia), 15 dissertações (uma em andamento e outras duas defendidas na Universidade Federal de Lavras) e uma tese.

E não para por aí. Fernando Bartholo, servidor técnico-administrativo especializado em cooperativismo e mestre em Administração, foi transferido da Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes, em Minas Gerais, para a UFG, com o objetivo de assessorar a organização da cooperativa dos açafroeiros de Mara Rosa. Dessa experiência, partiu a proposta de disseminar o cooperativismo em outros grupos por meio da Incubadora Social da UFG.

Ao listar os ganhos da universidade com essa pesquisa-ação, a professora Henriqueta afirmou estimar que todo o setor de pesquisa em alimentos da EA teve no açafrão seu embrião. Para ela, foi o começo de um entusiasmo que, futuramente, faria até mesmo consolidar o curso de Engenharia de Alimentos. "Ganhamos muito em equipamentos, produção de conhecimento e tradição de pesquisa", reflete. Conforme as contas do professor Celso, ao longo dos últimos 22 anos, o projeto do açafrão conquistou editais de financiamento público que, somados, atingem o valor de R$ 1 milhão.

Quando avaliam o que extraíram da experiência de Mara Rosa para suas próprias vidas, Henriqueta Rolim, hoje aposentada, e o colega Celso Moura esquecem qualquer valor quantitativo. Ela se emociona com o título de Cidadã Mararrosense que ganhou e ele resume, em forma de pergunta: "Até que ponto uma pesquisa pode mudar a realidade?". Até que ponto, professor, uma pesquisa não muda o próprio pesquisador?

Os lugares do açafroeiro – Uma terra plana, em que venta pouco e que guarda a umidade de região próxima das águas. A cinco quilômetros do antigo povoado minerador de Amaro Leite, Mara Rosa formou-se conforme as divisões das antigas fazendas. O Morro da Dona Estela, que hoje guarda uma casa sem muro e sem cerca na entrada da cidade, marca onde tudo começou. Seguindo reto até a praça central, logo se vê a igreja, os vendedores de garapa, os bancos e as primeiras residências constituídas.

Hoje, com pouco menos de 10 mil habitantes, a pequena Mara Rosa, localizada a aproximadamente 367 km da capital goiana, tem sua economia diretamente ligada ao açafrão, produto que movimenta o comércio e dá emprego a grande parte das famílias da região. Além do açafrão, o leite, o comércio geral e os serviços públicos também fazem girar a economia local.

Em 2003, depois de muito debate, foi fundada a Cooperativa dos Produtores de Açafrão de Mara Rosa que conta, atualmente, com 90 cooperados. Como a maioria tem pouca informação sobre esse tipo de organização comercial, no início, foi oferecido um curso sobre os princípios básicos do cooperativismo. Várias reuniões entre o Banco do Brasil, a Prefeitura e a Câmara dos Vereadores foram realizadas para que os pequenos produtores demarcassem seu território, suas chances de vender e seus preços.

Hoje, o grupo é independente e aprende a fazer sua própria contabilidade, mas ainda sofre com a figura do atravessador, que está fora da cooperativa e vende o açafrão por um preço inferior ao do mercado. A UFG, por meio da Incubadora Social, oferece acompanhamento de contabilidade de tempos em tempos a cooperativa.

A maioria dos cooperados não possui suas próprias fazendas e, geralmente, trabalha em família. Eles arrendam terras para plantar o açafrão, colhem e recorrem à cooperativa para tratar o produto. É o caso de Olímpia Maria do Vale, esposa de um cooperado, que conversou com o *Jornal UFG* enquanto separava o açafrão junto com outras mulheres na sede da cooperativa. "Quando meus filhos ainda moravam aqui, eles sempre estudaram e ajudaram", conta.

Entre novembro e janeiro as famílias plantam o açafrão. Nesse período a cooperativa não funciona. No mês de maio, geralmente, os produtores colhem o que plantaram no ciclo passado já que essa espécie de planta precisa passar por dois ciclos de chuva. Em junho começa o processamento do produto e a cooperativa volta a todo vapor.

Na cooperativa o açafrão é lavado para tirar a terra. Depois, é submetido a um processo de pré-cozimento por cerca de oito minutos. Em seguida, é secado e levado à caldeira, para nova higienização. Da caldeira, o açafrão vai para o fatiador e depois de seco, em última instância, para um moedor, que transforma parte do produto em pó. A seguir, o açafrão é separado, pesado, ensacado e estocado. Os pedidos de compra vêm, em maioria, de fábricas de tinta e alimentos de Goiás, São Paulo e Minas Gerais.

Desde que chegou, a UFG colaborou com informação técnica e inserção de equipamentos (lavador, tanque, secador, caldeira e fatiador). Esse fato possibilitou um aumento de produtividade para a cooperativa, afirma José Israel de Carvalho, cooperado e gerente. Em 2007, a produção da cooperativa foi de 23,5 mil quilos. Em 2008, subiu para 98 mil quilos. Este ano foram produzidos 230 mil quilos de açafrão. Dados como esses ilustram o crescimento citado por José Israel. Em um anúncio ainda prematuro, o professor Celso de Moura conta que tem planejado, para o futuro, experimentar o comércio da curcumina pura. "Aí é outro processo, que mudará novamente toda a rotina da comunidade", comenta.

Mãos amarelas – Pela experiência e pela forma como incorporaram o açafrão às suas vidas, eles são as principais referências na região. Ela é Terezinha Maria de Oliveira, senhora de 85 anos, apaixonada por futebol. Ele é Zenino da Silva, pai de família, 42 anos e primeiro presidente da cooperativa dos açafroeiros. Ambos ensinam qual a melhor forma de conviver com a cor viva e o cheio agridoce que o rizoma de suas vidas produz.

Ao dizer que quase morreu de tanto trabalhar no tratamento do açafrão, Terezinha emenda afirmando que não se arrepende, mas que atualmente evita a lida na roça, para estar livre e "ver a Copa do Mundo" no ano que vem. Sempre disposta a fazer perguntas a quem chega da cidade grande, ela fala rápido e tem muitas histórias para contar. "Você sabe o que é isso?", pergunta, ao falar das coisas de seu mundo. Em Piumhí, cidade mineira onde Terezinha nasceu, o açafrão era raro. "Só tinha para remédio", lembra. Quando encontrou o produto, em 1942, ela o reconheceu pelo cheiro. "Fiquei sem saber o que fazer, mas sabia que aquela era uma oportunidade", conta.

Zenino da Silva, também mineiro, veio menino, com sua família, para Mara Rosa e, logo ao chegar, instalou-se no vilarejo de Amaro Leite, primeira zona de povoamento da região. A recordação mais recorrente que tem é de ter colhido açafrão nativo para vender. Quando a mineração ainda era a principal fonte econômica da região, sua família começava a fazer brotar os primeiros rizomas. E isso para ele foi fundamental. Hoje, é um dos poucos que planta em sua própria terra. Cria de Amaro Leite, ele tem os olhos marejados sempre que volta ao lugar.

Ambos confiam nos benefícios do açafrão: do tratamento da dor de garganta ao sabor da comida. Terezinha considera que deve sua vida ao açafrão e, mais, não fica sem ele. "Deus me livre de fazer comida sem açafrão", destaca. Ela ainda dá uma dica aos consumidores do produto, já que alguns produtores adicionam fubá de milho ao açafrão moído para fazer render a quantidade. "Quando ele é puro, ele afunda na água. Se não for puro, ele boia".

Iguaria no Cerrado

Crocus sativus L é o nome científico do açafrão, também conhecido como "ouro do cerrado". Seu componente principal, a curcumina, é extraída de seu caule subterrâneo, o rizoma, mas também pode ser encontrado da raiz até as folhas. Em Goiás, reza a lenda que as sementes dessa planta eram usadas pelos bandeirantes para demarcar a trilha por onde passavam. Descendentes de portugueses, nossos colonizadores paulistas, certamente, tinham contato com uma iguaria indiana, comum no cenário mercantil dos tempos das grandes navegações. Hoje, o açafrão é usado na alimentação, na medicina e na tinturaria.

Propriedades medicinais

A curcumina, substância encontrada no açafrão, é usada há muito tempo como remédio. Os hindus já a utilizavam como anti-inflamatório e para tratar doenças do fígado. Terezinha Maria de Oliveira conta que sempre fez uso do produto para dores de garganta e para curar feridas. "Açafrão é bom para tudo. Até para gripe", ressalta ela.

Uma pesquisa desenvolvida no Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFG promete oferecer tratamento eficaz e menos doloroso que os atuais para o melanoma, considerado o mais maligno entre os diversos tipos de câncer de pele, pela sua capacidade de alastrar-se para outros órgãos (metástases). Estudos do ICB, coordenados pela professora Lídia Andreu Guillo, comprovam, em experimentos controlados em laboratório, que a curcumina causa a morte de 100% das células de melanoma, sem prejudicar as células sauváveis, como fazem os medicamentos convencionais.

O açafrão, como é comercializado hoje, é indicado apenas para a prevenção de doenças. Para ser utilizado no tratamento do melanoma, Lídia ressalta que é preciso extrair a curcumina pura, que ainda não é produzida no Brasil. A pesquisa começou em 2006 e até hoje não pode ser testada em humanos. Lídia explicou que a dificuldade está na burocracia para aprovação do projeto e na pouca quantidade de alunos interessados. Assim que for autorizado o experimento em cobaias humanas, a professora pretende aplicar o tratamento em pacientes terminais. A aplicação poderá ser por meio de cápsulas com a substância, que o paciente deverá ingerir a intervalos que os testes mostrarem eficazes.

Sede da Cooperativa dos Produtores de Açafrão de Mara Rosa

Dona Tereza é a primeira produtora de Açafrão do município

Vinicius Batista

Professora Lídia Andreu pesquisa as propriedades medicianais da planta

Vinicius Batista

Professor Celso Moura, da área de Engenharia de Alimentos, que estuda a extração da curcumima para comercialização

O produtor Zenino da Silva foi o primeiro presidente da cooperativa

O perigo camuflado da automedicação

O uso de medicamentos sem prescrição médica é, muitas vezes, estimulado por propagandas e pode levar à intoxicação. Para alertar sobre os riscos, a Faculdade de Farmácia promove ações para diminuir essa ameaça

Beatriz Mendes
Caroline Pires

A cada minuto 23 pessoas são vítimas de intoxicação por medicamentos no Brasil. Para mudar essa realidade a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) monitora propagandas, tendo o apoio da comunidade em geral e de instituições de ensino superior do país, entre elas, a Universidade Federal de Goiás (UFG). Com o objetivo de alertar sobre os riscos das propagandas exageradas de medicamentos, a Faculdade de Farmácia (FF) participa do programa Educanvisa promovido pela Anvisa em 17 estados e faz o monitoramento e fiscalização de propagandas, de promoção e de informação de produtos sujeitos à fiscalização da vigilância sanitária, como medicamentos, alimentos e outros. Nesse caso, a Anvisa conta ainda com a parceria das unidades locais da vigilância sanitária e das secretarias municipais de saúde e de educação. Um dos pontos altos do programa é promover ações educativas nas escolas da rede municipal.

Em Goiânia, o Educanvisa é coordenado pela FF/UFG, Secretaria Municipal de Educação (SME) e pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Os responsáveis em cada uma dessas unidades são, respectivamente, Dione Marçal Lima, Nelma Maria Pereira e Ricardo Wagner Botelho Rodrigues. A adesão da SME ao projeto se deu em vista do interesse da Anvisa em trazer o projeto para Goiânia, com o intuito de promover ações educativas nas escolas da rede municipal. De acordo com a professora Dione Marçal, o monitoramento foi feito em propagandas divulgadas por meio de jornais, alguns *sites* na *internet*, rádio, televisão e *outdoors*, bem como de panfletagens em hospitais, farmácias, supermercados e indústrias, sendo detectado um número expressivo de propagandas irregulares. "Quando a propaganda é exagerada, o impacto do uso incorreto de medicamentos supera as possibilidades de toxidade, o que gera riscos para a saúde do consumidor", explica Dione Marçal. De acordo com ela, nem sempre os agentes da área de comunicação fazem as propagandas sem observar as regras da legislação vigente.

Uma dos principais campos de atuação do Educanvisa são as escolas. O objetivo é apresentar, no ambiente escolar, temas relacionados ao abuso nas propagandas de produtos sujeitos à vigilância sanitária, bem como conscientizar sobre o uso racional de medicamentos e da alimentação saudável. Para Dione Marçal, as escolas são disseminadoras da informação, já que "a criança torna-se uma formadora de opinião em sua casa e na comunidade em que vive". De acordo com a professora, a partir do trabalho de monitoramento das propagandas, criou-se uma normativa interna que exige mais cuidado com o teor das propagandas que assegura à Anvisa efetuar um controle mais rigoroso da propaganda e publicidade, autuando diversos estabelecimentos em situação irregular por todo o país.

Ações – Em outubro, a FF realizou o seminário "Propaganda enganosa de medicamentos e outros produtos para a saúde". Na palestra proferida pela chefe da unidade de monitoramento da gerência-geral de propagandas da Anvisa, Adélia Hirsch, foi ressaltada a necessidade de combate às propagandas que incitem o consumo de medicamentos sem orientação médica, ou que associem a eles atributos não comprovados pela Anvisa.

Além desse seminário, outras medidas educativas foram promovidas. Estudantes de vários cursos da UFG, como Direito, Publicidade e Propaganda, Farmácia e Medicina, sob a orientação da professora Dione Marçal, elaboraram material pedagógico para ser aplicado nas escolas da rede municipal vinculadas ao Educanvisa. O resultado desse trabalho foi a criação de cartilhas, com o intuito de educar e informar as crianças sobre os riscos das propagandas exageradas de medicamentos. De acordo com Nelma Maria Pereria, da SME, os educadores da rede municipal foram preparados para aplicar em sala de aula o material desenvolvido pelos participantes do projeto. "Houve, este ano, em Brasília, um curso para os educadores com a participação de 16 professores de Goiânia, sendo quatro de cada uma das escolas que aplicam o projeto", lembrou Nelma.

Vinícius Batista

Auditório da Faculdade de Farmácia recebe alunos e profissionais da área para assistir a palestras de Adélia Hirsch (em destaque) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária

Legislação e ética – O órgão encarregado de regulamentar as propagandas publicitárias que circulam no Brasil é o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar). De acordo com o Conar, só é permitida a publicidade de medicamentos isentos de prescrição médica e não deve haver nenhuma afirmação quanto à ação do produto que não seja baseada em evidência clínica ou científica. Os infratores das normas estabelecidas no Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária estão sujeitos a penalidades como advertência, recomendação de alteração ou correção do anúncio e recomendação aos veículos que retirem a divulgação do anúncio.

Além do Conar, a Anvisa emite resoluções sobre a propaganda de medicamentos. No entanto, o órgão não tem o poder de regulamentação das propagandas, cabendo essa função à União. De acordo com a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 96, de 2008, da Anvisa, fica vetada a veiculação, na televisão, de propaganda ou publicidade de medicamentos nos intervalos dos programas destinados a crianças ou adolescentes, conforme classificação do Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como em revistas dedicadas a esse público.

Para a professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), Janaína Vieira de Paula Jordão, os anunciantes e agências publicitárias respeitam as normas estabelecidas pelo Conar. Segundo ela, essa discussão está em pauta na área publicitária, que não confere competência à Anvisa para legislar sobre publicidade. "Independentemente de qualquer dispositivo legal, é ético que as agências publicitárias sigam a autorregulamentação do Conar e as instruções da Anvisa", afirma a professora. Outro ponto que Janaína Vieira esclarece é que qualquer forma de anúncio de medicamentos vendidos sob prescrição médica é proibida, como remédios para emagrecer, por exemplo.

Carlos Siqueira

São ilegais as propagandas que:

- estimulem e/ou induzam o uso indiscriminado de medicamentos;
- sugiram ou estimulem o autodiagnóstico;
- empreguem imperativos nos anúncios;
- incluam imagens de pessoas fazendo uso do medicamento.

Negligência agrava casos de tuberculose

Falta informação sobre o número de casos, diagnóstico e tratamento da doença. Rede Goiana de Pesquisa em Tuberculose tenta mudar esse cenário em Goiás

Angélica Queiroz

Na década de 1980, com a descoberta de remédios eficazes no tratamento da tuberculose, acreditou-se que a doença estava controlada. Pouco tempo depois, com o aparecimento da Aids e em decorrência dela, a tuberculose voltou. Mas, passado esse novo surto, a doença deixou o foco de preocupação da maioria dos médicos.

O que não se sabe é que, por ano, dois milhões de pessoas morrem da doença em todo o mundo. Um terço da população mundial está infectada com o bacilo de Koch (*Mycrobacterium tuberculosis)*, o agente causador da tuberculose. Essa bactéria penetra no organismo pelas vias respiratórias (boca e nariz). Só 5% das pessoas que entram em contato com o bacilo ficam doentes e só quem fica doente transmite a doença. No entanto, segundo a professora do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) da UFG, Ana Paula Kipnis, essa porcentagem de doentes é suficiente para manter o ciclo da doença.

Nem todos os infectados apresentam os sintomas e ficam doentes, porque a bactéria age de forma diferente dependendo do organismo. As pessoas que já tiveram contato com o bacilo devem estar atentas a uma alimentação saudável e acompanhamento médico regular para diminuir as possibilidades de manifestação da doença. Alcoolismo, tabagismo, diabetes, AIDS e outras doenças que diminuem as defesas do organismo favorecem o aparecimento da tuberculose.

Vinicius Batista

Professora Ana Paula Kipnis que acompanha a trajetória da doença no IPTSP/UFG

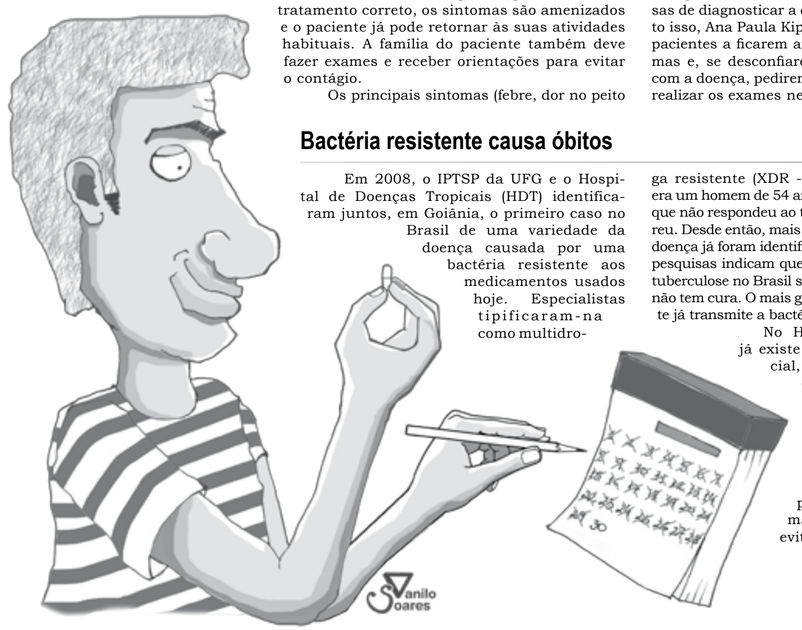
Diagnóstico e tratamento: falta informação

A tuberculose é contagiosa e ataca principalmente os pulmões, mas também pode contaminar rins, bexiga, intestinos, olhos, ossos, meninges e outros órgãos. A doença tem cura, mas esta depende da persistência do paciente em seguir corretamente as orientações médicas e não interromper o tratamento, mesmo com o desaparecimento dos sintomas. "Se a pessoa não segue a prescrição correta, a doença não é curada. Isso preocupa os médicos", alerta a professora Ana Paula Kipnis.

A tuberculose não é combatida com antibióticos normais, pois só remédios específicos são eficazes contra a doença. Os medicamentos são fornecidos gratuitamente pelas unidades de saúde e devem ser tomados todos os dias durante seis meses. Todo o tratamento deve ser acompanhado e avaliado com o exame de escarro. Em geral, após 15 dias de tratamento correto, os sintomas são amenizados e o paciente já pode retornar às suas atividades habituais. A família do paciente também deve fazer exames e receber orientações para evitar o contágio.

Os principais sintomas (febre, dor no peito e costas, perda de apetite, cansaço e tosse) são também sintomas de outras doenças. "Os pacientes são normalmente diagnosticados com pneumonia. Assim, a tuberculose é descoberta já em estágio avançado", explica Ana Paula Kipnis.

Atualmente, o diagnóstico é feito pelo exame de escarro e, em alguns casos, pode ser necessário o exame de raios X. Pesquisadores do IPTESP investigam formas mais simples e precisas de diagnosticar a doença. Enquanto isso, Ana Paula Kipnis aconselha os pacientes a ficarem atentos aos sintomas e, se desconfiarem de que estão com a doença, pedirem ao médico para realizar os exames necessários.



Bactéria resistente causa óbitos

Em 2008, o IPTSP da UFG e o Hospital de Doenças Tropicais (HDT) identificaram juntos, em Goiânia, o primeiro caso no Brasil de uma variedade da doença causada por uma bactéria resistente aos medicamentos usados hoje. Especialistas tipificaram-na como multidroga resistente (XDR - TB). O paciente era um homem de 54 anos, HIV negativo, que não respondeu ao tratamento e morreu. Desde então, mais cinco casos dessa doença já foram identificados em Goiás e pesquisas indicam que 3% dos casos de tuberculose no Brasil são desse tipo, que não tem cura. O mais grave é que o doente já transmite a bactéria resistente.

No HDT de Goiânia já existe uma sala especial, com filtro, para o tratamento da XDR – TB. Todos os enfermeiros e médicos que entram em contato com esses pacientes usam máscaras para evitar o contágio.

BCG: a vacina

A vacina contra a tuberculose (BCG - Bacilo de Calmette-Guérin) é elaborada a partir de uma bactéria atenuada de origem bovina (*Mycobacterium bovis*), que é semelhante ao micro-organismo causador da doença. Essa vacina previne tipos graves de tuberculose em crianças: a meningite tuberculosa e a tuberculose miliar. No entanto, a BCG não impede a infecção e nem o desenvolvimento da tuberculose pulmonar, na fase adulta. Por isso, os pesquisadores continuam procurando uma vacina eficaz contra a doença, para ser aplicada depois da BCG.

O uso da BCG, que é bastante controverso, basicamente restringe-se aos países de maior prevalência da doença. No Brasil a BCG está no Calendário Básico de Vacinação e sua aplicação é obrigatória, logo nos primeiros dias de vida. Após a aplicação da vacina, é esperada uma inflamação endurecida e avermelhada no local, que evolui para um ferimento. O processo dura de duas a seis semanas. Após a sexta semana, normalmente, o local desincha até desaparecer, deixando uma pequena cicatriz. Essa é a garantia de que a vacinação funcionou.

Rede Goiana de Pesquisa em Tuberculose

Segundo Ana Paula Kipnis, falta de conscientização de que a doença existe, agrava o problema. As campanhas do governo são esporádicas, geralmente próximas ao Dia Nacional de Combate à Tuberculose, 23 de março. Fora isso, é raro encontrar informações sobre o assunto.

Com essa preocupação, a professora coordenou, no início de setembro, uma oficina sobre a tuberculose. "A ideia foi trazer os melhores pesquisadores para discutir o tema com enfermeiros, médicos e alunos de pós-graduação a fim de chamar a atenção para a doença", explica. Essa foi a primeira oficina sobre a doença realizada no IPTSP, mas a intenção é que ela se repita a cada dois anos.

A Rede Goiana de Pesquisa em Tuberculose, coordenada pela professora Ana Paula, trabalha em conjunto com a Rede Brasileira de Controle da Tuberculose e com o Instituto de Ciência e Tecnologia em Tuberculose do CNPq. Os principais objetivos da rede goiana são: desenvolver novos testes de diagnóstico sorológico para auxiliar no diagnóstico precoce da tuberculose, fator importante para facilitar o tratamento e evitar a disseminação da infecção; testar e propor, com base nas proteínas da célula do *Mycobacterium tuberculosis*, novas vacinas de subunidades proteicas. Os interessados no tema podem acessar o currículo Lattes da coordenadora ou o link da Rede Brasileira de Pesquisa em Tuberculose (www.redetb.org.br).

Parceria com Ministério da Saúde possibilita curso

A especialização é ministrada pelas faculdades da área de saúde da UFG na modalidade educação a distância

Caroline Pires

Divulgação

Alunos da Especialização Multiprofissional em Saúde da Família no Centro de Cultura e Eventos para abertura das atividades do curso

No dia 9 de outubro iniciaram-se as atividades da quarta turma do curso de Especialização Multiprofissional em Saúde da Família, com o objetivo de capacitar profissionais da área da saúde para o atendimento oferecido pela Estratégia Saúde da Família (ESF), um programa do Ministério da Saúde (MS). O curso é gratuito, coordenado pela Faculdade de Enfermagem (FEN) da UFG e financiado pelo Fundo Nacional de Saúde (FNS) por meio de convênio entre a UFG e a Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UMA-SUS) do Ministério da Saúde (MS). A especialização é oferecida pela Faculdade de Enfermagem em conjunto com as Faculdades de Medicina, Odontologia, Nutrição e Farmácia.

A demanda do curso tem sido crescente desde o início, em 2006. Nas primeiras turmas foram oferecidas 80 vagas. No terceiro ano o número de vagas dobrou. Em 2009 estão matriculados 650 novos alunos procedentes de todas as regionais de saúde do estado de Goiás. A coordenadora de pós-graduação da FEN, professora Maria Alves Barbosa, adianta que para o próximo ano pretende oferecer mil vagas. A especialização visa melhorar a assistência dada à população pelos profissionais. São selecionados preferencialmente os candidatos que já trabalham no programa ESF e na atenção básica do SUS. Alessandra Auad, fonoaudióloga e tutora do ensino a distancia da UFG há três anos, informou que são poucas instituições brasileiras que trabalham diretamente com a especialização, o aperfeiçoamento e a capacitação de profissionais da saúde. Além disso, ela ressaltou a importância desse trabalho coordenado pela FEN, que permite o aprimoramento da atuação de profissionais da saúde.

Com duração de um ano, a especialização é semipresencial e está dividida em cinco módulos. Durante o cursos os alunos assistem *on-line* às aulas preparadas pelo Núcleo de Telemedicina e Telessaúde da Faculdade de Medicina da UFG, com a possibilidade de tirar dúvidas diretamente com os professores em *chats*. Além disso, os alunos têm acesso a fóruns de discussão com outros alunos e professores, tudo por meio da plataforma *moodle* do Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (Ciar/UFG). No fim de cada módulo acontece em Goiânia um seminário presencial. É obrigatória também a frequência de 85% nas atividades promovidas e, durante o curso, deve ser produzida uma monografia que será apresentada no final da especialização.

Estratégia Saúde da Família – Esse programa do MS funciona por meio de equipes de profissionais da saúde, compostas por um médico, um enfermeiro, um odontólogo e agentes de saúde, que são responsáveis pelo acompanhamento de um número de famílias em determinada área. Essas equipes atuam promovendo a saúde, a prevenção de doenças e a recuperação de doentes, o que evita o fluxo de pacientes, muitas vezes desnecessário, para os grandes centros hospitalares.

Saúde do servidor é contemplada

Túlio Moreira Rocha

Exposições, debates e troca de ideias pontuaram o II Seminário de Atenção à Saúde do Servidor Público Federal no Estado de Goiás, realizado no dia 25 de setembro, no Salão Nobre da Faculdade de Direito. O objetivo do evento foi discutir o Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor Público Federal (Siass), proposto pelo Ministério do Planejamento. Na oportunidade, o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, salientou a importância de otimizar os serviços de atenção à saúde do servidor, por meio da parceria entre os órgãos públicos federais. "O Siass tem total apoio da UFG, já que aumentará a qualidade do ambiente de trabalho na esfera pública federal", reiterou.

O seminário seguiu com exposições do coordenador de Seguridade Social e Benefício do Servidor do Ministério do Planejamento, Sérgio Antônio Martins Carneiro, do próreitor de Assuntos da Comunidade Universitária, Ernando Melo Filizzola, e da professora Vânia Cristina Marcelo, da Faculdade de Odontologia da UFG. Eles frisaram a importância de consolidar políticas de vigilância e promoção da saúde do servidor, englobando conceitos como prevenção, educação, qualidade de vida, meio ambiente e a construção de práticas saudáveis de relacionamento no local de trabalho.

Depois de uma ampla reunião de trabalho entre diretores, coordenadores, servidores e profissionais de saúde dos órgãos federais presentes no encontro, foram encaminhadas algumas deliberações. A principal delas foi a escolha do Centro de Reabilitação do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e da UFG como unidades de atendimento do Siass em Goiás. A universidade contribuirá para a formação da equipe de servidores da área da saúde, como psicólogos, médicos peritos, dentistas e assistentes sociais, e também cedendo sua estrutura física para a utilização do Siass.

Ciar conquista sede administrativa

Foi inaugurada, no dia 16 de outubro, a sede administrativa do Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (Ciar). O prédio de 474 m² está localizado no Câmpus Samambaia. A obra iniciada em fevereiro de 2009 custou 600 mil reais, financiados pelo Ministério da Educação (MEC).

Compareceram à cerimônia o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, o secretário municipal de Planejamento e Urbanismo, Luís Alberto de Oliveira, a superintendente da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira, a diretora do Ciar, Cleide Aparecida Rodrigues, entre outras autoridades.

Fotos: Carlos Siqueira

2º Seminário de Educação em Rede é realizado na UFG

Agnes Arato

O Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (Ciar) da UFG realizou entre os dias 14 e 16 de outubro o 2º Seminário de Educação em Rede. Com o objetivo de fomentar o debate entre as instituições que promovem ensino a distância no estado, o seminário contou com o apoio da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), da Secretaria de Educação do Estado de Goiás e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-Goiás) e outras instituições.

A conferência intitulada "A distância que nos integra", proferida pelo professor Cleomar Rocha, do Ciar, abriu o seminário apresentando as perspectivas e modelos de educação a distância na UFG. A palestra norteou as atividades do evento, ao defender a importância do debate sobre os modelos existentes não para limitar ou definir padrões, mas para fixar metas e perspectivas para a educação a distância.

Para a coordenadora do órgão, Cleide Rodrigues, eventos como esse são cada vez mais necessários. "Colocar em pauta os modelos e experiências de EaD é a melhor forma de aperfeiçoar esses modelos, tendo em vista a grande expansão da modalidade no país", afirmou a coordenadora. A superintendente da Secretaria de Estado da Educação, Celene Antunes Barreira, concorda com a coordenadora. "É importantíssimo o papel da EaD na formação continuada de professores, foco do atual governo estadual. E um evento como esse, organizado pelo Ciar/UFG, uma referência na modalidade tanto no estado como no Brasil, colabora para aperfeiçoar a educação a distância em Goiás", destacou a superintendente.

Rádio 870 AM divulga classificados do I Festival Arpub

Emissora da UFG coordenou etapa regional do I Festival de Músicas da Associação das Rádios Públicas do Brasil e lança CD Virtual

O programa que foi ao ar pela Rádio Universitária na manhã do dia 27 de outubro reafirma o compromisso histórico da emissora com a cultura local, particularmente com a música produzida em Goiás. Apresentado por Francisneide Cunha e Roberto Nunes, o "Especial de Premiação do I Festival de Músicas da Associação das Rádios Públicas do Brasil (Arpub) – Etapa Goiás" divulgou a relação das dez melhores composições do festival, que passam a compor o repertório do primeiro CD Virtual da emissora. As músicas podem ser acessadas e baixadas gratuitamente pela internet, no endereço www.radio.ufg.br.

O programa radiofônico apresentou, em sua primeira hora, as dez composições selecionadas de um grupo de 77 inscritas. Cerca de 5 mil ouvintes participaram, votando pela internet. Os dois finalistas por Goiás, que concorrerão à fase nacional com mais 18 representantes de nove emissoras de outros estados, foram selecionados, por uma comissão julgadora.

Vencedores do I Festival de Música da Arpub - Etapa Goiás

MELHOR DA CATEGORIA	MÚSICA / INTÉRPRETE / COMPOSITOR
• Música com letra	"Por onde eu for" / Chico Aafa / o mesmo
• Música instrumental	"Labirinto"/ Nonato Mendes / o mesmo
• Intérprete vocal	"Menino meu" / Ellen Luci / a mesma com Telma de Oliveira
• Música com letra (votação pela internet)	"Conversas com a meia noite" / Grupo Laocoonte / José Eduardo Umbelino Filho
• Intérprete instrumental e música instrumental (internet)	"Sobreira no choro" / Grupo Som da Gafieira / José de Geus (Zé do Choro)
• Arranjo	"Novembro de Karine" / Nonato Mendes / o mesmo
• *Demais classificadas que compõem o CD Virtual*	"Catira" / Muth / o mesmo "Ritual da alma" / Arnaldo Freire / o mesmo "Mais um" / Grupo Mina D'Água / Kleuber Garcês "Seguro desemprego"/ Vinícius Rodrigues / o mesmo

Homenagens

Divulgação

O jornalista Pedro Paulo das Chagas (E), ex-diretor da Rádio Universitária e atual colaborador-voluntário, foi homenageado. Emocionou-se ao agradecer o reconhecimento público do seu trabalho e destacou a importância da Arpub e do festival para a divulgação da música produzida em Goiás. "É um trabalho muito importante que a rádio faz. Ela precisa continuar crescendo e os artistas devem ocupar esses espaços cada vez mais. Eu fico muito satisfeito", finalizou.

A música "Sobreira no choro", de José Reis de Geus, interpretada pelo Grupo Som da Gafieira é uma homenagem ao comunicador da Rádio Universitária João Sobreira Rocha (D)

Selo de qualidade - Para o diretor da emissora, Roberto Nunes, as melhores composições do festival recebem da Rádio da UFG um selo de qualidade, que as credencia, automaticamente, a ser executadas nas outras 19 emissoras da Rede Arpub, que estão promovendo o festival, além de fazerem parte de um seleto grupo de composições do Primeiro CD Virtual da rádio".

* Textos: Rádio Universitária

"Avançar na Luta" assume a direção do DCE-UFG

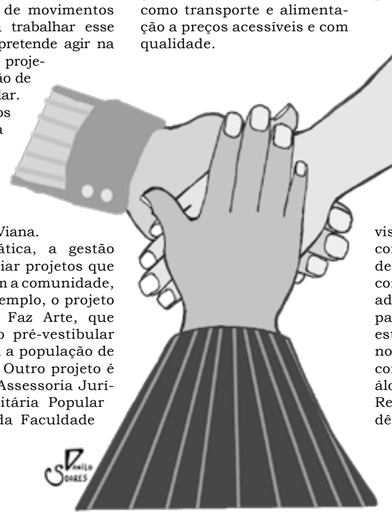
Marcela Guimarães

O Diretório Central dos Estudantes (DCE-UFG) está iniciando nova gestão. A chapa "Avançar na Luta" foi eleita para a coordenação da entidade, com 2.988 votos, enquanto o concorrente, "Outros Maios Virão", obteve 508 votos. "Avançar na Luta" foi empossada no dia 2 de outubro e o período de gestão é de um ano.

No eixo ideológico da gestão está a construção da chamada universidade popular. Isso significa incentivar a instituição a trabalhar ao lado de movimentos sociais. Para trabalhar esse eixo, o DCE pretende agir na vertente dos projetos de extensão de cunho popular. "São projetos que têm uma intencionalidade política de transformação social", explicou Leandro Viana.

Na prática, a gestão pretende apoiar projetos que interajam com a comunidade, como, por exemplo, o projeto Comunidade Faz Arte, que oferece curso pré-vestibular gratuito para a população de baixa-renda. Outro projeto é o Núcleo de Assessoria Jurídica Universitária Popular (Najup-GO) da Faculdade de Direito, que tem por objetivo o acompanhamento diário de processos de segmentos minoritários, como os sem-terra e outros.

Outra meta da nova gestão é a assistência estudantil. De acordo com o integrante da direção do DCE-UFG, Heitor Moreira, essa área é de grande importância, principalmente para os alunos que ingressaram pelo sistema de cotas do programa de ações afirmativas UFGInclui. Nesse sentido, está nos planos a continuidade do esforço para atender antigos anseios dos estudantes, como transporte e alimentação a preços acessíveis e com qualidade.



O terceiro eixo da gestão é uma revisão do movimento estudantil na UFG. De acordo com os diretores Leandro Viana e Heitor Moreira, muitos Centros Acadêmicos (CAs) necessitam de reestruturação e, em alguns cursos, é preciso ainda a criação dessas unidades. "Aproximar e fortalecer a base de representação faz com que o estudante saiba da sua importância para a concretização de algumas propostas que vão beneficiá-lo", comentou Heitor. Também está entre as preocupações dessa gestão promover maior participação estudantil na promoção de eventos culturais, aproveitando melhor os espaços da instituição, assim como as duas sedes do DCE-UFG, nos câmpus I e II.

O DCE-UFG também visa uma maior aproximação com a Reitoria. Organizar debates, encontros, reuniões com os representantes da administração geral da UFG para discutir reivindicações estudantis são planos da nova diretoria. "Temos de construir uma forma de diálogo apoiada no tripé DCE, Reitoria e comunidade acadêmica ", finalizou Heitor.

Cegraf

As quatro obras premiadas (à esquerda) e troféu do 5º Prêmio Aquino Porto de Excelência Gráfica

Criação e produção do Cegraf são premiadas

O Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG foi um dos vencedores do 5º Prêmio Aquino Porto de Excelência Gráfica. Na categoria livros didáticos ficou com os dois primeiros lugares com *Formação cultural de professores ou a arte da fuga*, de Monique Andries, da Coleção Critérios, e *Documento nacional preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos e Jovens* – Secad/MEC, respectivamente. Também na categoria agenda ganhou o primeiro lugar a *Agenda Livraria UFG 2009*, uma criação de Hugo Assunção. Na categoria livros culturais e de arte ficou com o segundo lugar o livro *Metrópolis* de José César TeatiniClímaco (Zécésar), da Coleção Artexpressão. O prêmio é uma iniciativa do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás e da Associação Brasileira da Indústria Gráfica, regional Goiás e contempla todos os segmentos da indústria gráfica, comunicação e estudantes regularmente matriculados nos cursos de Publicidade e Propaganda, Design e Artes Plásticas.

De acordo com a diretora do Cegraf, Maria das Graças Monteiro Castro foi uma conquista muito grande o reconhecimento trazido por este prêmio, considerando os desafios enfrentados pelos servidores do setor de criação e produção do órgão, durante a reforma do parque gráfico. "A premiação vem fortalecer a política editorial e gráfica do Cegraf", conclui a diretora.

Divulgação

A professora Ofir Bergemann realizou pessoalmente a divulgação dos programas Erasmus e Monesia nos Câmpus I e II

Bolsas para intercâmbio na Europa

No decorrer dos meses de setembro, outubro e novembro, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) promoveu as bolsas de intercâmbio do Programa Erasmus Mundus Janela de Cooperação Externa, em virtude da participação da UFG como universidade parceira de instituições espanholas nos projetos *Monesia*, liderado pela Universidade de Granada (www.monesia.eu) e *Emundus15*, liderado pela Universidade de Santiago de Compostela (www.usc.es/emundus/lot15/index_PT.php).

São muitas as opções de intercâmbio. O Projeto *Monesia* possibilita candidaturas para as seguintes universidades europeias: Universidad de Deusto, Espanha; Karl-Franzens-Universität Graz, Áustria; Katholieke Universiteit Leuven e Vrije Universiteit Brussel, ambas na Bélgica; Alma Mater Studiorum – Università di Bologna, Itália; Universität degli Studi di Padova, Itália; Universidade de Coimbra, Portugal; e University of Leiden e Wageningen Universiteit, na Holanda. Quanto ao Projeto *Emundus15*: Erasmus Hogeschool Brussel (EHB), Bélgica; Universidad de Castilla-La Mancha (UCLM), Espanha; Universidade de Vigo (UVigo), Espanha; Sorbonne Nouvelle Paris 3 (USN) e Université de Nantes (UN), França; Università degli Studi di Napoli Federico II (UNF), Itália; Universidade do Minho (UMinho), Portugal e Masarykova Univerzita (MU), República Checa. As instituições que coordenam os projetos também constituem universidades de destino. Por outro lado, a UFG poderá receber candidaturas de docentes e estudantes provenientes dessas instituições.

Os projetos oferecem bolsas para graduação e mestrado, no valor de 1.000€; doutorado, no valor de 1.500€; pós-doutorado, no valor de 1.800€ e mobilidade docente, no valor de 2500€. A iniciativa é da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura da Comissão Europeia.

Programa contempla estudante de Cabo Verde

Nos meses de agosto e setembro, a estudante caboverdiana Maria do Céu dos Santos Baptista realizou atividades acadêmicas na UFG no âmbito do Programa de Incentivo à Formação Científica de Alunos de Cabo Verde (Profor), coordenado pela Capes.

Em concordância com a política externa do governo brasileiro, que privilegia a África e a América Latina, esse programa prevê a formação de recursos humanos em atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação. A ideia é a apresentação das possibilidades de pesquisa da instituição para a possível elaboração de um projeto a ser desenvolvido posteriormente no mestrado.

A estudante desenvolveu o trabalho "Representações do feminino na poesia brasileira contemporânea: uma leitura de *Bagagem*, de Adélia Prado", sob orientação da professora Marilúcia Mendes Ramos, da Faculdade de Letras. Na ocasião do XXII Congresso da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (Abraplip), realizado em Salvador, em setembro, Marilúcia esteve com o escritor e embaixador caboverdiano Corsino Fortes, com quem conversou a respeito do programa.

No início do ano, a UFG participou de programa semelhante envolvendo 17 estudantes africanos (moçambicanos e angolanos), que realizaram atividades em diferentes áreas do conhecimento.

Vinicius Batista

Professores Fernand Harvey e Hélène Poulin-Mignault que ministraram o minicurso

Literatura e cultura do Quebec

De 7 a 9 de outubro, o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), em parceria com a Associação Internacional de Estudos Quebequenses (AIEQ), ofereceram o minicurso sobre a literatura e a cultura do Quebec. As aulas foram ministradas pelos professores canadenses Fernand Harvey, do Institut National de la Recherche Scientifique, Centre Urbanisation, Culture et Société, da Université du Quebec, e Hélène Poulin-Mignault, professora aposentada da Université McGill, Centro de Ensino do Francês e do Inglês, Faculté des Arts.

O evento acolheu docentes, estudantes de graduação e de pós-graduação da UFG e também professores de francês que atuam em Goiânia. A programação proporcionou uma introdução geral ao Quebec – origem, gênese e desafios da sociedade quebequense –; a aprendizagem do francês, com destaque nas abordagens e técnicas de ensino empregadas no Quebec; o romance, a poesia, o teatro, o cinema e a música quebequenses.

Foram realizadas 18 horas de atividades em classe, sendo que o material didático havia sido disponibilizado anteriormente para leitura e estudo.

Trata-se, igualmente, de promoção do Núcleo de Estudos Canadenses, fruto de convênio entre a UFG e a Embaixada do Canadá, que tem por missão fomentar o intercâmbio de conhecimentos entre o Canadá e o estado de Goiás.

Parceria internacional chega à modalidade a distância

Em outubro, a UFG contou com a colaboração da professora Flávia Bastos, Diretora do Programa de Pós-Graduação em Arte Educação da School of Art, University of Cincinnati, Estados Unidos, Cumprindo sua licença sabática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ela veio à UFG, a convite da colega Leda Guimarães, professora da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG), para uma semana de trabalho conjunto, incluindo sua participação no III Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino.

No evento, que discute práticas pedagógicas, a professora Flávia Bastos proferiu a palestra "Ensinando a partir da comunidade: práticas e ideias desestabilizadoras em arte e educação". A palestra foi transmitida via webconferência, com o apoio do Ciar, para os alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância. A transmissão alcançou os polos de Alto Paraíso, Alexânia, Catalão, Cezarina, Aparecida de Goiânia, São Simão e Uruana. Como estão realizando a primeira disciplina de Estágio, discutir práticas de ensino foi um momento muito oportuno para os estudantes contemplados, possibilitando a reflexão sobre semelhanças e diferenças de perspectivas e proposições entre a experiência vivida e as que a professora Bastos trouxe do seu contexto nos Estados Unidos.

Para o próximo ano, já estão previstas outras atividades ligando a University of Cincinnati e a Licenciatura em Artes/modalidade a distância da UFG. A professora Bastos oferecerá a disciplina Arte Educação e Multiculturalismo para os alunos do curso. No primeiro semestre, a professora participará de disciplina do mestrado em Cultura Visual e envolverá estudantes da instituição estadunidense nesse curso.

Carlos Siqueira

Flávia Bastos que proferiu palestra via webconferência para polos de ensino a distância

UFG integra Grupo Tordesilhas

No final de outubro, o reitor Edward Madureira participou do X Encontro de Reitores do Grupo Tordesilhas, que reune 42 universidade do Brasil, Portugal e Espanha. Entre os ganhos da viagem, está o acordo geral para a criação do Colégio Doutoral Tordesilhas, que permitirá mobilidade acadêmica e de pesquisa, co-tutela de teses e doutorados múltiplos. Edward assina o documento ao lado do reitor da Universidade Politécnica de Madri, Javier Uceda Antolin, onde se realizou o evento.

Divulgação

III Mostra de Cinema Italiano discute a temática política

A professora italiana Elisabetta Chiacchella destaca sentimento político da sociedade como tema recorrente nas telas

Michele Martins

Compondo a programação da IX Semana da Língua Italiana no Mundo, a Faculdade de Letras, sob a coordenação da professora Margareth Cavalcante Lobato, promoveu entre os dias 6 e 23 de outubro, a III Mostra de Cinema Político Italiano. De acordo com a coordenadora, este ano, a intenção foi fazer uma homenagem a um dos mais importantes diretores italianos de cinema, Ettore Scola, e trabalhar o tema do cinema político italiano produzido dos anos 60 até hoje. A mostra foi realizada, paralelamente, em dois locais de Goiânia – o Cine UFG e o Cine Goiânia Ouro – e ofereceu uma programação com 15 filmes, além de palestras e debates.

Uma das palestrantes convidadas foi a docente de Língua Italiana na Università per Stranieri di Perugia-Itália, Elisabetta Chiacchella. Ela se ocupa, em particular, da didática do ensino do italiano através de textos literários e já publicou várias resenhas na revista *Film*, especializada em cinema e editada pelo Centro de Estudos Cinematográficos de Roma. Participou, em 2007, do IX Festival de Cinema Ambiental de Goiás (Fica) com um trabalho sobre a literatura italiana e o cinema, traduzido para o português e publicado na *Revista da UFG* em junho de 2009. Confira abaixo a entrevista concedida pela professora ao ***Jornal UFG*** durante a mostra de cinema, com o auxílio de tradução da professora Margareth Lobato.

Por que a temática política tornou-se mais evidente no cinema italiano após os anos 60?

O cinema produzido logo depois da guerra seguia as convicções do movimento neo-realista, que trazia a força do povo italiano, com o sentimento do pobre e do oprimido, mas com o sentido de resgate, superação e reconstrução. Era um cinema que, apesar de mostrar as dificuldades, não o fazia de forma negativa. Nos anos 60, a Itália conhece o *boom* econômico, o que leva à polarização das pessoas entre trabalhadores e empregadores. Essa força do capital e do trabalho mostra-se mais evidente nesse período exatamente porque houve crescimento econômico. Em particular, a partir de 1968, com os movimentos em Paris e na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, surge uma geração que quer romper com o passado e o desejo de revolucionar é muito forte. O cinema reflete esse movimento social.

Professora Elisabetta Chiacchella

Divulgação

Como o cinema político trata os aspectos éticos e estéticos?

Há, sim, uma revolução tanto ética quanto estética muito perceptivel. Por exemplo, há um filme de Luchino Visconti, chamado *A terra treme*, no qual os personagens falam um dialeto, algo que não era muito comum. Em geral, há no cinema dessa época a busca por uma linguagem fílmica mais apropriada para passar essas mensagens de cunho mais político. O mais importante é que o cinema político inspira-se muito na *nouvelle vague*, um estilo do cinema francês que influenciou muito o cineasta Bernardo Bertolucci. Outro que posso citar é Michelangelo Antonioni, que, mesmo não sendo eminentemente político, tratava de temas da incomunicabilidade e da dificuldade de interação dessas novas gerações com as anteriores, aspecto muito presente em filmes como *L'avventura* e *Blow up*.

Pode-se dizer, então, que havia uma abordagem sutil dos temas políticos em detrimento dos dilemas humanos?

O interessante naquele período histórico é que toda manifestação e todos os trabalhos cinematográficos eram lidos como políticos, mesmo quando mostravam fatos da vida privada. A sociedade entendia que na superfície de tudo havia uma questão política. Hoje, as novas gerações, que estão saturadas desse tema, têm um pouco de dificuldade de fazer essa leitura e ter esse entendimento. Por esse motivo, causa certa surpresa identificar a temática política em um filme como *De punhos cerrados*, do diretor Marco Bellocchio, produzido em 1969 e que mostra o drama de uma família católica e burguesa submersa em uma profunda crise de valores.

E o cinema político de hoje?

Posso dizer que na Itália, nos últimos anos, temos tentado fazer novamente um cinema que discute questões políticas, como os filmes *Gomorra*, de Mateus Garrone, que mostra a violenta realidade construída pela máfia napolitana, e *O vivo*, de Paolo Sorrentino, que conta a história dos bastidores políticos dos 20 anos do governo do ex-primeiro-ministro italiano Giulio Andreotti. Então, há a preocupação de se trabalhar novamente essa temática sob a perspectiva do cotidiano, entendendo que política se configura por uma contínua discussão de ideias, sempre trabalhadas de forma dialética. Não dá para entender só como corrupção ou a política do Legislativo, mas a política no cotidiano, como formação de ideias, diferente de ideologia. Trata-se de uma abordagem das políticas sociais que precisam de tempo para que se consolidem.

Como a linguagem cinematográfica se aproxima da linguagem literária?

Destaco o modo como as duas linguagens têm alcançado um público bastante amplo, como o filme *Gomorra*, por exemplo, que é baseado na obra homônima do jornalista Roberto Salviano sobre a atuação da máfia em diversos setores de atividade, tanto na cidade italiana de Nápolis quanto no mundo. Desse livro surgiu uma peça e houve vários debates na televisão. Então, a força do cinema associada à linguagem literária é muito grande. Penso que são formas de expressão que se aproximam muito bem. Nos anos 70, quem fazia esse trabalho de unir os fatos, a notícia, eram os intelectuais, os quais, geralmente eram homens das letras, que construíam narrativas.

A tabuada pode ser uma diversão

Projeto do Câmpus Jataí busca tornar mais interessante o ensino da Matemática

Kharen Stecca

No dia 23 de outubro, o curso de Matemática do Câmpus Jataí, integrado ao projeto de extensão Tutoria Especial de Matemática (TEM) promoveu a segunda edição do evento TEM-Cultural. Dessa vez, o tema trabalhado foi a tabuada. O projeto, que tem o objetivo de apresentar a matemática às crianças de forma divertida e agradável, trouxe para os alunos de Jataí uma oportunidade de ver a tabuada de uma forma diferente. Com diversos jogos aritméticos, uma gincana entre os participantes e a divulgação de métodos de aprendizagem da tabuada, os alunos passaram a tarde brincando com o que na escola é quase sempre o "bicho de sete cabeças".

Rafael Carneiro tem 8 anos e está no quarto ano do ensino fundamental. Depois de aprender de algumas técnicas de tabuada, como a técnica dos dedos, que ajuda nas operações de multiplicação, não se cansava de pedir mais contas para resolver. "Meu avô já tinha me ensinado uma parecida, mas achei essa bem mais fácil", conta o garoto. Gabriel Borges, também de 8 anos, ficou animado com as brincadeiras: "Ficou bem melhor fazer tabuada assim", diz ele.

E não são só os estudantes que aprendem. As monitoras, que são estudantes do curso de Matemática, estiveram empenhadas, vários dias, na preparação de cada técnica apresentada no evento. "Elas veem na dificuldade de cada aluno uma oportunidade de aprimorar o ensino da matemática", diz a professora Luciana Elias, coordenadora do Projeto TEM Cultural.

A matemática é uma das disciplinas com maior problema de aprendizado: "Percebemos isso nos diversos trabalhos de conclusão de curso da Matemática, que sempre ressaltam o baixo aproveitamento dos alunos de ensino fundamental e médio nessa disciplina", diz a professora Luciana Elias. E foi no intuito de tentar mudar esse quadro que o Centro de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática (Cepem) do Câmpus Jataí criou o projeto de tutoria.

O projeto envolve diversas iniciativas, entre elas o TEM-Cultural. Segundo Luciana Elias, ainda estão programados mais dois eventos culturais da matemática até o final deste ano: "Queremos realizar um evento sobre cinema e matemática e também um concurso de poesias com temas ligados à disciplina", informou.

As atividades do projeto que incluem, ainda, a monitoria para alunos do curso de Matemática e apoio aos professores da rede pública e privada no sentido de ajudá-los a construir materiais pedagógicos que auxiliem no ensino da disciplina. "Eles aprendem a fabricar jogos e brincadeiras que ajudam o estudante a aprender de forma lúdica", explica Luciana. "Os professores nem sempre têm tempo e mecanismos para estimular os alunos a gostar da matemática, nosso projeto está aqui aberto para ajudá-los nessa tarefa", disse a professora.

Divulgação

Estudantes testam nova metodologia sob a orientação de monitoras

Câmpus de Goiás comemora criação de cursos e realiza eventos

A implantação dos cursos de Filosofia e Serviço Social este ano permitiu que a antiga extensão da UFG na cidade de Goiás se transformasse em Câmpus, consolidando a unidade, em que, até então, funcionava apenas o curso noturno de Direito. Agora, o Conselho Diretor aprovou a criação do curso de Audiovisual e de mais uma turma, no período matutino, do curso de Direito. Também são previstas novas contratações de professores para atender a demanda desses cursos.

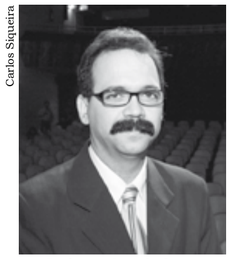
O novo Câmpus tem sediado muitos eventos, como o Eu Penso, organizado pelos alunos de Filosofia, em agosto, e que reuniu cerca de 100 pessoas. Entre 30 de outubro e 2 de novembro, ocorreu o VIII Encontro Goiano dos Estudantes de Direito e no período de 26 a 29 de novembro está previsto o II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão (II Conepec), organizado pelos três cursos do Câmpus de Goiás com participantes e palestrantes do país inteiro.

Embora seja recente sua condição de câmpus, a unidade da UFG em Goiás tem uma longa e rica história. O professor José do Carmo Siqueira, ex-diretor da unidade, nos conta um pouco sobre os fatos pioneiros.

A história do Câmpus de Goiás inicia-se no século XIX. Fale um pouco sobre como tudo ocorreu.

A UFG nasceu aqui, Goiás é a origem. O curso de Direito, criado em 13 de agosto de 1898, é o sexto mais antigo do Brasil. A retirada da capital da antiga Vila Boa foi uma violência. Foi preciso negar Goiás para afirmar Goiânia. Então, tudo o que existia na cidade de Goiás foi transportado para a nova capital. Pode-se dizer que Goiás viveu uma experiência longa de absoluto esvaziamento. Especificamente, no que se refere à educação superior, a cidade passou por um período de escuridão.

Graças à ação de pessoas como o frei Simão Dorvi, a professora Brasilete e outras, nasceu a Faculdade de Filosofia, ainda na década de 1960. No início dos anos 80, o então governador Ari Valadão inaugurou o prédio que, hoje, sedia o Câmpus da UFG nesta cidade. Mas, só mais tarde, em 1989, é que foi firmado um convênio entre o município de Goiás, cujo prefeito era o médico João Baptista Valim, e a UFG, dirigida pelo então reitor Joel Pimentel de Ulhôa. Na verdade, o curso de Direito nascido aqui foi levado para Goiânia e retornou como "Turma C", era uma extensão de lá. Desde o início da primeira turma, em 1990, houve muitas crises e a insegurança da continuidade reinava. Não havia tranquilidade na comunidade acadêmica. Com exceção do entusiasmado prefeito Valim, os demais não cumpriram o acordado com a UFG.



Carlos Siqueira

Professor José do Carmo Siqueira, ex-diretor do Câmpus

A dedicação dos pioneiros foi fundamental?

Os professores Orloff Rocha, José Carlos e Norival Santomé são alguns dos pioneiros da casa que continuam aqui, dedicando-se ao fazer acadêmico. A implantação efetiva do Câmpus da UFG em Goiás só se tornou possível porque, primeiro, muitas pessoas se sacrificaram para que se mantivesse acesa a chama do Direito. E, ainda, graças a dois outros fatores: a decisão da UFG de oferecer a turma especial de graduação em Direito para Beneficiários da Reforma Agrária e Agricultores Familiares Tradicionais, em 2007, que permitiu a destinação de dez vagas de professores para Goiás, e, decisivamente, graças ao Programa de Reestruturação e Expansão da Educação Superior, o Reuni. Diretores da Faculdade de Direito de Goiânia, servidores docentes e técnico-administrativos foram fundamentais no processo de consolidação do Câmpus de Goiás.

Ao final desse processo, como tem sido a relação entre a universidade e a sociedade da cidade de Goiás?

Ainda é preciso fortalecer o elo de ligação entre a instituição e a grande comunidade local. Mas, façamos uma reflexão: Goiás, por ser uma cidade que caminha para os 300 anos, abriga uma sociedade complexa, marcada por disputas políticas, que têm travado as oportunidades que outros centros urbanos estão aproveitando. Se a sociedade vilaboense foi capaz de se mobilizar pela conquista do título de Patrimônio Mundial, concedido pela Unesco, e foi um processo longo que culminou em 2001, ela precisa ser também capaz de atuar em relação a algumas medidas que podem ser importantes para a cidade. Eu sinto que a comunidade local precisa conhecer e utilizar melhor o potencial da cidade. Vários órgãos e entidades federais, a começar pela UFG, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Museu das Bandeiras, bem como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e outros que podem ajudar na dinamização da cidade, atuando de modo articulado e ainda em associação com órgãos e entidades do estado de Goiás, do município e da sociedade civil organizada. O fato é que há uma espécie de isolamento, de certo modo conveniente, de todo lado. Afinal, trabalhar de modo mais associado exige uma boa dose de desprendimento, de humildade, de saber escutar as diferenças e, sobretudo, ter vontade de que a cidade seja de todos e dê oportunidades para todos. Especificamente, sobre a UFG penso que este é o momento de agir, até porque, agora, tem, em quantidade e qualidade, o que é essencial para que a universidade esteja bastante presente na cidade: "Gente! E gente competente!", como diria Darcy Ribeiro. Neste momento, em que profissionais da UFG se estabelecem em Goiás, eu acredito que esta instituição vai construir sua presença de um modo muito identificado com esta cidade e sua região.

Carlos Siqueira

Antiga Vila Boa, hoje cidade de Goiás

Extraído do informativo do Câmpus de Goiás

Reitoria Itinerante de volta a Catalão

Equipe administrativa de Goiânia trocou experiências com colegas catalanos

Túlio Moreira Rocha

A segunda edição da Reitoria Itinerante em Catalão, no dia 8 de outubro, movimentou o Câmpus de Catalão (CAC), localizado no sudeste goiano, a 255 quilômetros de Goiânia. O objetivo do projeto é fortalecer o entrosamento entre a administração central da UFG e os servidores do CAC. A programação contemplou diversas áreas da administração universitária e tratou de assuntos como infraestrutura, estágio, financiamentos, extensão e pesquisa, assistência estudantil e avaliação institucional.

O reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, e uma equipe formada por cerca de 30 servidores dos câmpus de Goiânia, entre pró-reitores, coordenadores e assessores da Reitoria, tiraram dúvidas sobre a expansão do Câmpus Catalão, após a implantação do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), além de tratarem de temas como o estágio curricular e a criação de cursos de especialização na universidade.

De acordo com Edward Madureira Brasil, a Reitoria Itinerante possibilita a troca de experiências e tem grande impacto para os servidores que estão à frente da administração da universidade. "Cumprir uma agenda regular nos câmpus do interior e realizar atividades como seminários e cursos é muito importante, pois diminui a distância", afirmou o reitor.

O diretor do CAC, Manoel Rodrigues Chaves, afirmou que a segunda edição do projeto também funcionou como uma oportunidade para que a Reitoria da UFG fosse apresentada aos professores contratados após a expansão do CAC.

Fotos: Reuben Lago

Novas demandas do Câmpus Catalão foram discutidas em encontro com o reitor e pró-reitores

Interiorização e difusão da ciência são discutidas em eventos simultâneos

Michele Martins

De 20 a 23 de outubro, uma série de eventos mobilizou pesquisadores de diversas áreas do conhecimento no Câmpus Catalão (CAC) para discutir aspectos políticos e científicos do Cerrado como um bioma propício para se promover o desenvolvimento humano de forma sustentável. Nesse período foram realizados, paralelamente, o V Simpósio de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Câmpus Catalão (Sepec), o IV Fórum de Ciência e Tecnologia do Cerrado e a VI Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

Para a coordenadora de Pesquisa e Pós-graduação do CAC e coordenadora científica do evento, Maria Rita de Cássia, é um momento especial, tanto para o CAC quanto para a cidade e a região, que se beneficiam com o debate, a divulgação das pesquisas desenvolvidas na universidade e o acesso às atividades culturais realizadas durante o evento. O diretor do CAC, Manoel Chaves, destacou que a realização dessa série de eventos foi oportuna, tendo em vista a consolidação das atividades de ensino, pesquisa e extensão e a perspectiva de transição para a federalização da unidade.

Divulgação

Em destaque o presidente da Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência (SBPC) ao lado de autoridades na cerimônia de abertura do simpósio

Proferiram a conferência de abertura dos eventos o presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Marco Antônio Raupp, e o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil.

Mudanças significativas

Em sua fala, Marco Antônio Raupp fez um retrospecto do contexto da produção científica e tecnológica que marcou o desenvolvimento socioeconômico do país nos últimos 40 anos. Basicamente todos os investimentos em ciência e tecnologia (C&T) vieram dos cofres públicos, com uma inexpressiva contribuição da iniciativa privada. Como lembrou o presidente da SBPC, foi no início da década de 1950 que houve, por exemplo, a criação de instituições importantes de fomento à pesquisa nacional, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que trouxeram uma visão estratégica para o desenvolvimento do país.

Para Marco Antônio Raupp, a sustentabilidade ambiental e social e os investimentos em inovação são requisitos indispensáveis para a produção científica e tecnológica considerando o atual cenário de competitividade global. Marco Antônio Raupp destacou que, pela primeira vez, as políticas de C&T têm sido valorizadas e as universidades assumiram o papel de protagonistas na implementação dessas políticas.

Apesar das boas perspectivas para a educação superior no país, o presidente da SBPC chamou a atenção para o ensino básico. "Fizemos os mesmos investimentos no ensino básico e no ensino superior?", questionou Marco Antônio Raupp. Os grandes desafios estariam na qualificação de professores, na definição de uma carreira docente e em maior incentivo para o empreendedorismo na educação. Foram destacadas ainda a interiorização e a descentralização da produção científica do país, que podem ser estimuladas com a ampliação da capacidade de financiamento em âmbito municipal.

Panorama regional

O reitor da UFG apresentou um panorama da pós-graduação no país, enfatizando a necessidade de maiores investimentos na Região Centro-Oeste. Na perspectiva de mudar esse cenário, Edward Madureira Brasil também apresentou duas ações de incentivo à pesquisa regional. A primeira é a Rede de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação (PróCentro-Oeste) que, capitaneada pela UFG, reúne as universidades federais do Centro-Oeste, com foco em três linhas de pesquisa: biodiversidade do Cerrado e do Pantanal, geodiversidade e biotecnologia, com cerca de 184 grupos de pesquisa. A outra iniciativa é o Programa de Apoio à Pós-graduação das Instituições Federais de Ensino Superior (PAPG-Ifes), capitaneado pela Associação Nacional de Dirigentes das Ifes (Andifes). A expectativa é que essas redes iniciem suas atividades em 2010.

Convênio com prefeitura é renovado

No dia 20 de outubro, na Prefeitura de Catalão foi renovado o convênio que permitirá, por mais cinco anos, a manutenção do quadro de professores efetivos do município que estão à disposição da universidade. De acordo com o diretor do CAC, Manoel Chaves, hoje são 25 professores nesta condição, o que representa 10% do corpo docente do câmpus avançado, no qual são oferecidos hoje 20 cursos de graduação e um mestrado em Geografia.

Cortinas abertas para a arte

Goiânia em Cena 2009 consolida a capital como polo cultural da região Centro-Oeste

Túlio Moreira Rocha

Teatro lotado e plateia atenta a todos os movimentos no palco. A oitava edição do Festival Internacional de Artes Cênicas (Goiânia em Cena) recebeu todos os aplausos do público goiano entre os dias 17 e 27 de outubro, com ampla programação e espetáculos de destaque nacional e internacional. Durante onze dias, o festival contemplou a dança, o teatro e a arte circense, além das oficinas e seminários dos espaços pedagógicos.

Desde 2006, o Goiânia em Cena é realizado em uma parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia e a UFG para mobilizar diversos segmentos artísticos do estado. Este ano o festival também ofereceu 12 espaços pedagógicos. Fizeram parte da programação, seminários e oficinas ministrados por profissionais de renome internacional, como o diretor teatral Enrique Pardo, peruano radicado na França, Matteo Belli (Itália) e Hugo Rodas (Uruguai). Para a presidente da Comissão Organizadora do festival, Glacy Antunes de Oliveira, as atrações internacionais dessa edição contribuíram para o enriquecimento do diálogo local com as novas vertentes da cena contemporânea. Ela compreende como o principal papel do Goiânia em Cena "informar e transformar de forma positiva o cenário de Goiás é nossa grande missão". Ao término dos espetáculos, os grupos artísticos participaram de discussões abertas ao público.

Divulgação

As três irmãs, de Tchaeciv, encenada pela Traço Cia de Teatro

O pró-reitor de Extensão e Cultura, Anselmo Pessoa Neto, salientou a realização de parcerias da UFG com outras instituições na área da cultura. "A UFG tem profissionais altamente qualificados, que podem contribuir com esses projetos e consequentemente compartilhar com toda a comunidade o conhecimento adquirido na universidade", afirmou.

Movimentação na cidade – Uma característica do Goiânia em Cena 2009 foi a quantidade de palcos que receberam os espetáculos do festival. Além de teatros e auditórios, diversos espaços abertos da cidade sediaram apresentações artísticas. O público pôde conferir espetáculos em locais como o Bosque dos Buritis, a Praça do Sol e o Parque Vaca Brava.

Vinícius Batista

Espetáculo do Circo Lahetô, premiado como o melhor do festival

Carlos Siqueira

Entre as inovações da reforma está a instalação de rampa e corremãos na entrada

Creche é reinaugurada

Crianças correndo pelo pátio, pais atentos aos passos dos filhos, educadores ajudando na acomodação dos pequenos. Parecia um dia normal na Creche UFG, mas não foi. No dia 22 de outubro, houve a reinauguração depois de oito meses de reforma e de um investimento de R$ 600 mil, que proporcionou mais higiene, segurança e conforto para as crianças e os funcionários. A reforma contemplou diversas estruturas, como a criação de uma sala para a nutricionista, a substituição do telhado por telhas termo-acústicas e das portas e janelas, que deixaram todo o espaço mais claro e arejado. Foram instaladas novas louças e pisos antiderrapantes nos banheiros e o sistema de aquecimento solar d'água. Também foram refeitas as redes elétrica e hidráulica, além da execução de um novo projeto paisagístico para o pátio.

Ione Mendes, coordenadora administrativa da creche agradeceu, a toda a equipe que trabalha na unidade e lembrou a importância de seu funcionamento para as atividades. Além disso, a coordenadora agradeceu o apoio da Pró-reitoria de Assuntos Acadêmicos (Procom), da Fundação de Apoio à Pesquisa da UFG (Funape) e da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec). O pró-reitor Ernando Filizzola acrescentou que o primeiro desafio da creche foi vencido com a reforma do espaço físico, e que agora é necessário consolidar a vinculação entre a assistência social da creche e a produção acadêmica. A pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, representando o reitor, destacou o papel desempenhado pelo órgão na UFG e lembrou as grandes mudanças que a UFG tem vivido em virtude de sua crescente expansão.

Fotos: Vinicius Batista

Faculdade de Direito recebe turma cinquentenária no dia de nascimento do patrono Clóvis Beviláqua, autor do Código Civil de 1916

Ex-alunos comemoram 50 anos de formatura em Direito

A Faculdade de Direito (FD) recebeu, nos dias 3 e 4 de outubro, uma visita diferente do habitual. Eram os formandos da turma de 1959 que compareceram à palestra do ministro do Superior Tribunal Federal (STF), José Carlos Moreira Alves, sobre a vida e obra de Clóvis Beviláqua. Há exatamente 50 anos os estudantes colavam grau na primeira instituição de ensino superior do Centro-Oeste, criada em 1898 com o nome de Academia de Direito de Goyaz. A apresentação do cantor Marcelo Barra marcou o início das comemorações com um *pot-pourri* das músicas de sua carreira e a interpretação do Hino Nacional.

O vice-diretor da FD, Cleuler Barbosa das Neves, recepcionou os formandos e parabenizou-os pelas lutas contínuas em prol da aplicação da lei durante todos esses anos. Ele propôs ainda que esse encontro seja considerado o primeiro evento comemorativo do aniversário de 50 anos da UFG.

Os ex-alunos também acompanharam o descerramento da placa com os nomes dos formandos e do busto de Clóvis Beviláqua, localizados no *hall* de entrada da unidade. A celebração marcou o final das comemorações do cinquentenário da formatura. O desembargador aposentado do Tribunal de Justiça de Goiás, Gonçalo Teixeira e Silva, mostrou-se satisfeito com a realização da cerimônia e do reencontro com os colegas. "É uma turma que se destacou. Muitos chegaram a desembargadores, procuradores, deputados, prefeitos. E nós estamos felizes por poder engrandecer o nome da Faculdade de Direito da UFG", orgulhou-se o ex-aluno.

Fotos: Divulgação

Futuro da humanidade passa pela Astronomia

Solidário ao Ano Internacional da Astronomia, o *Jornal UFG* fecha sua última edição 2009 com uma entrevista esclarecedora sobre a importância dessa ciência, seus avanços e a participação brasileira nesse contexto. As informações são do professor Paulo Henrique Azevedo Sobreira, um dos três astrônomos profissionais do Centro-Oeste, atuante no Planetário da UFG, ligado ao Instituto de Estudos Socioambientais.

Silvânia Lima

Por que um ano dedicado à astronomia? Houve repercussão no Brasil?

O Ano Internacional da Astronomia (IYA2009) também é uma comemoração dos 400 anos das primeiras observações telescópicas do céu feitas por Galileu Galilei e a publicação (1609) da obra *Astronomia nova*, de Johannes Kepler. A Rede IYA2009 constituída para organizar as atividades do Ano Internacional da Astronomia 2009 reuniu 147 países, 38 instituições e cada país tem sua rede de Nós Locais. No Brasil, são mais de 230 nós, congregando astrônomos amadores, cientistas, educadores e artistas. Ela já é a maior rede de divulgação científica existente no país e tem a particularidade de somar esforços de diferentes setores da sociedade para melhorar a inclusão social na ciência. Todos os seres humanos têm o direito de entender o impacto da astronomia e das ciências básicas em nossas vidas diárias, e compreender melhor como o conhecimento científico pode contribuir para uma sociedade mais equilibrada e pacífica. A educação científica faz parte da cidadania.

Findo este ano especial, qual o saldo positivo? O que deve perdurar?

A população ganhou, com eventos de difusão da astronomia, maior divulgação de notícias e a publicação de livros sobre temas astronômicos. Em 2008 e 2009, houve oportunidades inéditas para a captação, por meio de editais, de recursos públicos para a popularização da astronomia. Em 2009, as agências públicas de fomento à pesquisa, especialmente o CNPq, possibilitaram a compra de mais equipamentos astronômicos populares e surgiram novos planetários móveis e fixos em diversas instituições do país. Os ministérios da Educação (MEC) e o de Ciência e Tecnologia (MCT) mostraram-se sensíveis aos pedidos da comunidade científica para implantar novos planetários de médio e grande porte e modernizar os já existentes. Em junho, o MCT nomeou a Comissão Especial de Astronomia (CEA) para elaborar o Plano Nacional de Astronomia 2010-2015, visando ao desenvolvimento da astronomia brasileira e à participação em grandes projetos internacionais. Em janeiro de 2010, será realizado o I Simpósio Nacional de Ensino de Astronomia (SNEA), no Rio de Janeiro. Em 2009, muitos centros de pesquisa abriram suas portas para o público. Para os planetários e os observatórios didáticos, que atendem ao público cotidianamente, o IYA2009 significou maior visibilidade. A rede brasileira pretende manter, nos próximos anos, atividades permanentes, como uma herança do Ano Internacional, concretizada pelo Portal do Universo, que disporá de novas tecnologias de informação, permitindo que se acesse qualquer conteúdo de astronomia na internet. Quanto à carreira científica, desde os anos 60 havia apenas o bacharelado em Astronomia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas em 2009 um novo curso foi inaugurado na Universidade de São Paulo (USP) e em 2010 será criado outro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

É importante o ensino de astronomia? O fascínio que essa ciência exerce favorece outras áreas, como a matemática, a física, a química?

A astronomia é uma das ciências mais antigas e deu origem a campos inteiros da física e da matemática. Teve papel fundamental na organização do tempo e do espaço explorados pela humanidade. Forneceu as ferramentas conceituais para a astronáutica, para a análise espectral da luz, para a fusão nuclear, para a procura de partículas elementares. Os observatórios sempre estiveram na fronteira da óptica, da mecânica de precisão, da automação, da detecção e processamento de sinais. Hoje telescópios no solo e no espaço captam informações em todas as faixas do espectro eletromagnético, desde os raios-gama a ondas longas de rádio. Ela teve e tem profundo impacto no conhecimento e é uma das mais refinadas expressões do intelecto humano. Há um século, mal tínhamos ideia da existência de nossa própria galáxia e hoje sabemos que existem centenas de bilhões delas no limite de visibilidade do Universo. Conseguimos medir com boa precisão a idade e a composição química do Universo. Descobrimos um verdadeiro "zoológico" de astros, variando entre densidades mais altas que a do núcleo atômico até mais baixas que o vácuo de laboratório e ambientes com temperaturas de bilhões de graus ao zero absoluto. O céu é um imenso e diversificado laboratório de física. Mostramos que a vida na Terra está intimamente ligada às estrelas, através dos elementos químicos que elas produziram e da energia que fornecem. Há poucas décadas, a astronomia revelou que todas as formas de matéria e energia tratadas pela física são apenas uma minúscula fração do Universo, dominado pela matéria e energia "escuras". Não tínhamos meios de demonstrar que as outras estrelas constituem sistemas planetários como o nosso e, em poucos anos, já catalogamos mais de 200 planetas extrassolares. Neste início de milênio, o novo desafio é detectar vida em outros planetas e verificar se ela é um produto de leis naturais da evolução da matéria, como prediz o evolucionismo, ou requer uma intervenção externa, como grande parte da humanidade acredita. Qualquer que seja a resposta, o impacto no pensamento humano será enorme e isso pode ocorrer em poucas décadas.

> *"O céu é um imenso e diversificado laboratório de Física"*

Qual a relevância da astronomia no Brasil? E no Centro-Oeste? O ensino e a produção de conhecimento na área têm respeitabilidade perante a comunidade internacional?

O imperador D. Pedro II era astrônomo e o primeiro observatório astronômico da América e do Hemisfério Sul foi o de George Markgraf (1637), em Recife, financiado por Maurício de Nassau. Depois dos Estdos Unidos e ex-Rússia, o Brasil foi o terceiro país no mundo a concretizar um programa aeroespacial. Na atualidade, diversos astrônomos brasileiros foram premiados e são reconhecidos por descobertas e teorias importantes, além de participarem de projetos internacionais. A astronomia brasileira foi agraciada com a realização da XXVII Assembleia Geral da IAU, no Rio de Janeiro, em agosto de 2009. Foi a primeira vez na América do Sul, desde a fundação da IAU há 90 anos. A vice-presidente da IAU é a brasileira Beatriz Barbuy, do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da USP. Das 31 reuniões da assembleia, 19 foram coordenadas por brasileiros, uma tarefa reservada a pesquisadores com mérito internacional. A escolha do Brasil para a reunião da IAU foi uma demonstração internacional de reconhecimento ao valor e aos esforços de nossa comunidade astronômica.

Quanto a instrumentos astronômicos de grande porte, o Brasil participa de dois consórcios de observatórios, o Gemini Norte (Havaí) e Gemini Sul (Chile), ambos com telescópios de 8 metros de diâmetro, e o SOAR (Chile), com um telescópio de 4 metros de diâmetro, em que o Brasil é o sócio majoritário. O Inpe, CNPq, Capes e USP pagaram US$ 1,7 milhões para a participação brasileira no mais ousado projeto dos últimos anos, o COROT, que é um telescópio espacial para detecção de sistemas planetários em torno de outras estrelas. Entre 1970 e 2000, a produção astronômica brasileira de artigos em revistas científicas cresceu 11,4% e desde 2001 mantém uma taxa anual positiva entre 0,8% e 0,9%. Nos últimos dez anos, os estudantes brasileiros têm sido premiados na Olimpíada Internacional de Astronomia (OIA). A última foi em outubro, em Teerã, no Irã, e a equipe brasileira conquistou um prêmio especial por melhor prova observacional e algumas medalhas. Desses estudantes, alguns estão se graduando e outros já concluíram o mestrado na área. Quanto aos planetários, a Fundação Planetário do Rio de Janeiro é forte candidata a sediar a conferência bienal da International Planetarium Society (IPS), em 2012. Brasil foi o primeiro país da América Latina e do Hemisfério Sul a ter a instalação de um planetário da Carl Zeiss, em 1957, em São Paulo. Há no país duas empresas fabricantes de projetores planetários e algumas iniciativas isoladas de projetores experimentais, como o do grupo de divulgação da astronomia no Câmpus Jataí, que construiu um planetário digital móvel. No Centro-Oeste, infelizmente, há apenas dois planetários fixos, o da UFG e outro em Brasília, e que este está fechado há 12 anos. Há apenas sete astrônomos profissionais na região – três deles, na UFG – e dos 230 Nós Locais da Rede IYA2009, apenas 12 estão no Centro-Oeste. Ainda este ano, deverá ser lançado um livro sobre ensino de astronomia, editado pela Universidade Federal de Uberlândia.

Qual é o lugar da astronomia no futuro da humanidade?

A astronomia sempre impulsionou o desenvolvimento científico e tecnológico. Os humanos somos curiosos e queremos respostas sobre o Universo. Neste momento existem dezenas de sondas espaciais vinculadas a diferentes projetos de seis agências espaciais, que estão enviando informações e orbitando o Sol, a Lua, Mercúrio, Marte e Saturno e uma que chegará a Plutão em 2015. Cerca de dez telescópios e radiotelescópios espaciais monitoram o céu enquanto orbitam a Terra. O projeto da Estação Espacial Internacional (ISS) é o maior esforço conjunto de agências espaciais de 15 países para o desenvolvimento da pesquisa aeroespacial e a transferência de seus resultados para os outros segmentos da economia e da sociedade, os chamados *spinoffs*. Os principais *spinoffs* são desenvolvidos em microgravidade, tais como: medicamentos, vacinas, tecnologia de materiais, indústria automobilística, eletrônica, robótica etc. O espaço sideral foi apropriado pela Humanidade na Era Astronáutica. As indústrias de ponta e a economia mundial dependem dos laboratórios espaciais em microgravidade. Lamentavelmente, como consequência dos lançamentos astronáuticos, adicionou-se ao nosso vocabulário um novo termo: o lixo espacial, que é um perigo constante para o lançamento aeroespacial de novos equipamentos, para a segurança de espaçonaves e de seus tripulantes, bem como na superfície terrestre, em casos como o da queda de um tanque vazio de um foguete-lançador, em uma fazenda no interior de Goiás, em março de 2008.

Divulgação

Equipe do Planetário da UFG, (professor Paulo Sobreira ao centro)

Incubadora Social agrega qualificação no processo de reciclagem

Marcela Guimarães

Plástico, papel, metal e vidro transformam-se em fonte de renda para trabalhadores que vivem na periferia de Goiânia, geralmente ex-catadores de rua, que antes atuavam de forma isolada e hoje estão organizados em cooperativas. Esse é o caso de dona Miraci Lima dos Santos, uma das fundadoras da Cooperativa de Coletores de Material Reciclável "A Ambiental".

A história do nascimento dessa cooperativa remete ao início do programa Incubadora Social da UFG. Miraci conta que foi informada pelo coordenador do projeto, Fernando Bartholo, da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFG, sobre a proposta e, em reunião realizada na universidade, a cooperativa foi planejada. De lá para cá, A Ambiental vem superando dificuldades com ganho de experiência. "Nós estamos mais preparados e, com a valorização do material reciclável, a tendência é melhorar nossos lucros", comentou.

O ciclo de trabalho das cooperativas inicia-se com a coleta seletiva, realizada em instituições e empresas; depois de levados às cooperativas, os materiais são separados e agrupados para a revenda. É em todo esse processo que o programa Incubadora Social pretende contribuir. Desenvolvido pela UFG, por meio da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec), há um ano, o programa tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento do cooperativismo, bem como na formação tanto dos cooperados quanto dos estudantes que integram o projeto. Segundo Fernando Bartholo, a Incubadora Social tem equipes formadas por professores e estudantes de diversas áreas para atuar com as cooperativas e são decisivas na hora de ministrar os cursos (administração, economia, contabilidade, educação ambiental, comunicação visual) e aplicar os conhecimentos adquiridos.

Atualmente, três cooperativas e duas associações vinculadas ao programa estão em fase de pré-incubação. O processo de incubação de uma cooperativa divide-se em três fases: a pré-incubação, período de contatos inicias com a comunidade; a incubação propriamente dita, em que os cursos, o acompanhamento do projeto e a interação da universidade com a cooperativa são intensos, e a pós-incubação, que consiste no afastamento gradual da Incubadora, à proporção que a cooperativa adquire autonomia. "A universidade nos presta auxílio nas reuniões e em como organizar uma cooperativa, inclusive com capacitação dos diretores", explicou a presidente da Cooperativa de Materiais Recicláveis "Reciclamos e Amamos o Meio Ambiente" (CoopeRama), Dulce Helena do Vale.

Fotos: Vinícius Batista

Miraci dos Santos (A Ambiental), Vanusa Gonçalves (Beija-Flôr) e Dulce do Vale (CoopeRama) representantes das organizações pioneiras da Incubadora Social da UFG

Unidos na diferença – Com a organização de uma cooperativa, a rotina dos catadores muda drasticamente. Fernando Bartholo citou como um fator que dificulta a organização das cooperativas a heterogeneidade das realidades. Por exemplo, na Ambiental e CoopeRama, os trabalhadores recebem por hora. Condições diferentes são encontradas na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis Meio Ambiente Saudável (CooperMas), que ainda coleta individualmente e possui máquinas que não puderam ser utilizadas por falta de qualificação de pessoal. Mesmo assim, a CooperMas busca a auto-suficiente economica. Já a Associação de Material Reciclável Beija-Flor é uma das mais bem organizadas, enquanto grupo.

Em razão dessa diversidade de realidades, a metodologia de capacitação aplicada pela Incubadora Social varia em cada comunidade. Isso significa que o modo de aplicação dos cursos e até mesmo o contato com os cooperados são feitos conforme a realidade de cada grupo. Outra dificuldade decorre do baixo nível de escolaridade dos cooperados, que exige dos capacitadores o uso da linguagem oral como principal ferramenta de trabalho. De acordo com Fernando Bartholo, a primeira lição que está sendo aprendida é a horizontalidade, ou seja, as decisões são tomadas por todos. Desde as ações de compra e venda até o nome da cooperativa tudo é decidido por meio de acordos e de votação. "Na cooperativa, todos são donos e o que um ganhar o outro ganha", esclareceu Miraci dos Santos.

A presidente da CoopeRama, Dulce Helena do Vale, afirmou que a expectativa com o início da incubação é grande. "O catador é muito discriminado. Com a ajuda de uma instituição como a UFG, teremos a possibilidade de gerir o nosso próprio negócio e com rentabilidade". A presidente da Beija-Flor, Vanusa Gonçalves da Silva, reforçou: "Esperamos aprender, para caminhar com as próprias pernas. A gente já caminha, mas ainda faltam forças para conseguirmos evoluir."

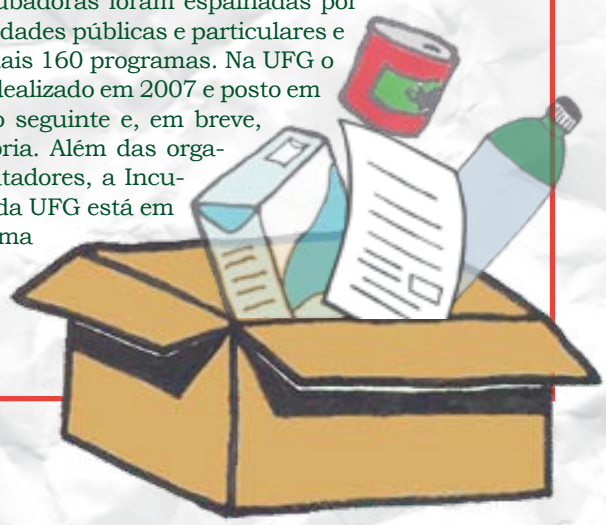
Coleta seletiva no Câmpus Samambaia já é uma realidade

Responsabilidade ambiental e inclusão social são os lemas da Coleta Seletiva Solidária, projeto da UFG para dar nova destinação aos materiais recicláveis descartados rotineiramente. Em parceria com a Prefeitura de Goiânia, responsável pela coleta que será feita por caminhões próprios, o intuito da campanha é por em prática um novo modelo de gestão dos resíduos e integrar comunidades de catadores.

A proposta do modelo altera o caminho e a utilização do que, normalmente, se considera lixo e que acaba, indistintamente, em aterros sanitários. O conceito-chave do projeto é "não misturar". Haverá lixeiras e contêineres de separação dos materiais em todos os ambientes da universidade e, paralelamente, campanhas de conscientização. A coleta geral e a distribuição serão feitas pela Comurg e, por fim, a separação dos materiais recicláveis ocorrerá nas cooperativas, sob a orientação da Incubadora Social.

O ato oficial de lançamento do programa ocorreu no último dia 12 de novembro, na UFG, com a presença do prefeito Íris Rezende Machado, do reitor Edward Madureira Brasil, da presidente da cooperativa A Ambiental, Mylene Lima dos Santos, entre outras autoridades. Íris Rezende informou que o intuito da Prefeitura é incentivar a organização das cooperativas de catadores, nos moldes do programa da Incubadora Social, e ressaltou que a parceria com a UFG foi necessária para a implementação do projeto de coleta seletiva em toda a cidade.

Momento em que o prefeito de Goiânia Iris Rezende assina o convênio ao lado do reitor da UFG, Edward Madureira (D) e do secretário de Trabalho, Emprego e Renda, Sérgio Antonio de Paula (E)

Programa nacional

O programa Incubadora Social, criado pelo governo federal, foi aplicado primeiro na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com o modelo baseado na economia solidária, as incubadoras foram espalhadas por várias universidades públicas e particulares e somam hoje mais 160 programas. Na UFG o programa foi idealizado em 2007 e posto em prática no ano seguinte e, em breve, terá sede própria. Além das organizações de catadores, a Incubadora Social da UFG está em contato com uma associação de artesãos e outra de bordadeiras.